UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA

ADRIANA CORRÊA DA SILVA

Padronização de Protocolo de Imunofluorescência em Microscopia Confocal para Avaliação de Alterações Bioquímicas e Citomorfológicas induzidas pela Neurotoxina 6-Hidroxidopamina à Linhagem Celular SH-SY5H

Monografia de Conclusão de Curso para obtenção parcial do grau de Bacharela em Biomedicina com Habilitação em Bioquímica.

Prof. Dr. Fábio Klamt
Orientador

Porto Alegre, agosto de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que estiveram comigo por tantos anos e também aos que só passaram pela minha vida, pois cada um deixa a sua contribuição mesmo que por um momento; isso é o que nos constrói. Agradeço muito pela ajuda e apoio para realizar este trabalho que simboliza uma etapa pela qual lutei muito para chegar, manter e agora concluir. Agradeço não só por este trabalho, mas para toda a minha formação como pessoa, profissional, mulher, militante, amiga e todas as outras coisas que fui e continuarei sendo no futuro graças ao apoio de todos! Em especial, dando nome a algumas pessoas que foram singulares neste processo:

À Deus, pois "tudo está previsto e nada será mudado"... Se Ele pelo menos me falasse antes o que acontece, me facilitaria algumas coisas, mas não seria tão interessante como tem sido em toda a minha vida!

À minha mãe, Dona Iolanda, que me ajudou muito durante toda a vida, em especial durante a faculdade onde me transformei muito, por tornar o dormitório em que se tornou minha casa durante esses 8 anos que comecei a luta para chegar e estar na UFRGS. Ela que fez a casa virar um porto seguro para recarregar forças para o dia seguinte.

Ao Guilherme que em breve fará com que nossa casa seja um porto seguro para nós dois! Obrigada por ser um verdadeiro COMPANHEIRO em TODOS os aspectos. Te amo muito!

Aos companheiros do PSOL, Mov. Contestação, GTUP e Coletivo Negração e de todas as outras valorosas lutas que batalhei neste tempo de universidade... Com vocês vivi outro sentido de sociedade e universidade... Isso é imensamente gratificante.

Às amigas do mundo (Shariza, Sininho, Leo Goron, Lu Nascimento, Gabi Blanco, Lucila...) e colegas da Biomed. Agradeço pelos desabafos pós prova e as nerdices, bergamotas e redenção, Cidade Baixa, salchipão e risadas!

E por último, mas talvez mais importante... Aos meus orientadores durante a graduação, Marilene Vainstein, Charley Staats e Fábio Klamt e aos laboratórios aos quais fiz parte (Lab 220 e 217 – Cbiot e Lab 24 – Bioquímica): Agradeço desde o 1ª até o último dia. As vivências que tive, aos aprendizados eu adquiri. Agradeço a paciência que tiveram comigo, agradeço o "tesão" que me fazem sentir pela ciência e pelo que faço. Vocês fizeram com que eu tenha certeza da profissão que escolhi! E para que todos saibam como me sinto ao término da graduação, deixo esta citação:

> *"Estou entre aqueles que pensam que a ciência tem grande beleza. Um cientista em seu laboratório, não é apenas um técnico: é também uma criança colocada diante de fenômenos naturais que podem impressioná-lo como a um conto de fadas."*
>
> Marie Curie – Cientista, primeira mulher a receber um Prêmio Nobel.

ÍNDICE

RESUMO

Um dos grandes desafios no estudo sobre a Doença de Parkinson (DP) é a elucidação da fisiopatologia dos neurônios dopaminérgicos da via nigro-estriatal durante a progressão da DP. Utilizando a linhagem celular de neuroblastoma humano SH-SY5Y, diferenciada em linhagem tipo neurônio dopaminérgico, como modelo *in vitro* para estudos moleculares da DP são descritos estudos que avaliam, bioquímica e morfologicamente, os eventos descritos na patologia da DP. Sabe-se que a oxidação da proteína cofilina-1 medeia disfunção mitocondrial e apoptose em células tumorais e, pode potencialmente desempenhar um papel importante na morte de células neuronais induzidas por neurotoxinas como a 6-hidroxidopamina (6-OHDA), uma droga comumente usada para indução de DP em animais. Estudos com esta linhagem demonstram a translocação de cofilina-1 do citosol para a mitocôndria durante tratamento com 6-OHDA, entretanto nenhum estudo utiliza técnicas de microscopia para avaliação desde fenômeno. A microscopia é uma das técnicas descritas como menos invasiva, por manter a estrutura celular, permitindo a observação das características bioquímicas e morfológicas das células. Contudo, ainda são necessários aprimoramentos e a implementação de bons protocolos para utilização de equipamentos já bastante difundidos no meio científico, como a microscopia, possibilitando a utilização dessa ferramenta de estudo para diversos tipos celulares, cultivos, tecidos e amostras. Dessa forma, este trabalho se propõe a descrever um bom protocolo de imunofluorêscencia para microscopia confocal que tenha foco na morfologia celular e do seu conteúdo interno, como a distribuição de cofilina-1 nas células SH-SY5Y quando desafiada por 6-OHDA, utilizando parâmetros bioquímicos para validar o protocolo proposto. Nosso objetivo em desenvolver um protocolo de imunofluorêscencia para esta linhagem celular foi bem sucedido e validado pela apresentação de fragmentação mitocondrial durante tratamento com a neurotoxina, como descrito na literatura. Entretanto, não foi possível avaliar o comportamento de cofilina-1 pelo método utilizado neste momento, sendo necessárias repetições. De toda forma, este trabalho aborda pontos importantes a serem questionados ao trabalhar com as técnicas de

imunofluorêscencia, orientando o leitor formas e pontos críticos, tornando possível adaptar um protocolo de imunofluorêscencia a todo tipo de amostra biológica para microscopia confocal.

Palavras-Chave: Microscopia Confocal, Imunofluorêscencia, Cofilina-1, Doença de Parkinson, 6-Hidroxidopamina, Linhagem SH-SY5Y.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Cofilina-1: Uma proteína multifuncional envolvida na sinalização pró-apoptótica

ADF/cofilina é uma família de proteínas de ligação a actina, que está envolvida na despolimerização dos filamentos de actina. São proteínas muito conservadas entre os eucariotos. A família de proteínas ADF/cofilina é expressa em todas as células, e está disposta em três formas nos mamíferos: ADF (actin depolymerizing factor), cofilina-1 (n-cofilina ou não muscular) e cofilina-2 (m-cofilina ou muscular). A cofilina-1 liga-se a actina-G (monomérica), bem como à actina-F (filamentosa) [1], sendo um conhecido fator da regulação dinâmica de despolimerização dos filamentos de actina. A cofilina liga-se lateralmente ao filamento de actina, provocando uma torção do filamento, deixando-o mais compacto. Esse estresse mecânico torna a actina friável e mais fácil de quebrar. A cofilina liga-se preferencialmente aos filamentos que contém ADP (adenosina difosfato), ou seja, é mais eficiente na despolimerização dos filamentos velhos, garantindo uma substituição rápida dos filamentos de actina na célula [2, 3]. Além da função junto ao citoesqueleto, a cofilina-1 é descrita em diversos outros processos dentro da célula como a translocação para o núcleo em resposta a certos estímulos físicos ou químicos. [4]. Outra nova função atribuída a cofilina-1 é o controle que esta proteína exerce sobre a apresentação de antígenos dependente de apresentação de MHC de classe II, citando a cofilina-1 com regulador da apresentação de antígenos [5].

E ainda a cofilina-1 é descrita como parte da sinalização de apoptose, foco deste trabalho. Estudos de proteômica mostram que a cofilina-1 desfosforilada é translocada para a mitocôndria através da oxidação se seus resíduos de cisteína, na presença de diferentes oxidantes, sendo proposta como parte da sinalização pró-apoptótica induzindo *swelling* mitocondrial e libertação do citocromo c pela mediação da abertura dos poros de transição de permeabilidade mitocondrial independente de Bax [6, 7]. Este papel da

cofilina está sendo estudado, mas ainda não há um consenso quanto ao exato papel desta proteína na sinalização de apoptose [8], contudo já é descrito o envolvimento de cofilina-1 mediando apoptose em diversos processos celulares como a morte por exitotoxicidade em neurônios glutamatérgicos [9], resposta a compostos antitumorais [10] e outros.

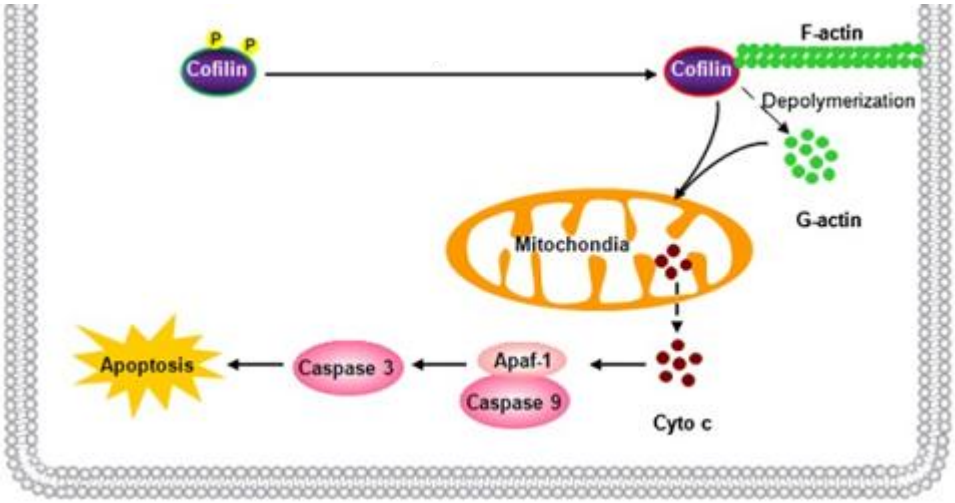


Figura 1: Representação esquemática do mecanismo de inicialização de apoptose via dano mitocondrial mediado por cofilina-1. (Adaptado de Li G.B., *et al*, 2013).

1.2 Características da Apoptose

A apoptose é um processo fisiológico, mas pode ser também patológico [11]. A apoptose pode ser desencadeada por fatores externos como internos. Fatores como o Fator de Necrose Tumoral (TNF), Fator de Crescimento β de Transformação (TGF-β), alguns neurotransmissores, radicais livres, oxidantes, radiações UV e ionizantes podem desencadear a apoptose. Alguns destes atuam sobre os receptores de membrana da célula, deflagram a apoptose ao recrutar e ativar a cascada das caspases. Internamente, a apoptose também pode ser executada por oncogenes, supressores tumorais como a proteína p53, antimetabolitos de privação de nutrientes [12], e cada vez mais são descritos outras componentes celulares como iniciadores intracelulares de apoptose, a exemplo da cofilina-1, como já citado.

Antigamente, a apoptose era descrita como uma reação irreversível, contudo, já há trabalhos mostrando que mesmo que a célula entre em processo apoptótico, há estágios aos quais a reversão é possível [13]. Quando uma célula recebe um sinal para iniciar o processo de apoptose, a primeira consequência é um aumento da permeabilidade da membrana mitocondrial externa, permitindo a liberação do citocromo c que normalmente fica confinado no espaço intermembrana. O citocromo c liberado, ativa a caspase 9, responsável pela degradação de proteínas durante a apoptose. Quando a apoptose é desencadeada a célula apresenta algumas características morfológicas e bioquímicas específicas como:

- Perda do potencial de membrana mitocondrial ou *swelling* mitocondrial – Há alterações da permeabilidade dos canais transmembrana, e a integridade da membrana é rompida. Além da liberação do citocromo c, íons como Ca^{2+} também são liberados bem como muito dos prótons, dessa forma, a mitocôndria perde seu potencial eletroquímico [14].

- Fragmentação do DNA – Pela ativação das endonucleases dependentes de Ca^{2+} e Mg^{2+}, o DNA é fragmentado em pedaços e a cromatina agrega-se. O núcleo continua delimitado pela carioteca, mas não está mais íntegro (padrão apresentado é diferente da cariorrexe, apresentada em situações de necrose, quando o DNA é também fragmentado, mas há perda dos limites nucleares).

- *Blebbing* na membrana – Resulta de alterações na membrana celular, resultantes da translocação de determinadas moléculas como fosfatidilserina da membrana celular, da face citoplasmática para a face externa. Essas alterações promovem bolhas na membrana, sem o rompimento. Essa alteração sinaliza a fagocitose por células do sistema imune.

- Formação de corpos apoptóticos ou fragmentação citoplasmática – A etapa final da apoptose resulta na clivagem celular. Estas vesículas ligadas à membrana originam as chamadas bolhas citoplasmáticas, contendo organelas (quando os fragmentos contem material nuclear, são chamados corpos apoptóticos) para que os restos celulares sejam rapidamente fagocitados.

1.3 Linhagem celular SH-SY5Y como modelo de estudos *in vitro* de Doença de Parkinson

1.3.1 Doença de Parkinson

A Doença de Parkinson (DP) é a segunda doença neurodegenerativa mais comum na população (sendo a Doença de Alzheimer a primeira). Esta doença foi descrita pela primeira vez por James Parkinson em 1817 e caracteriza-se por ser uma doença neurodegenerativa progressiva crônica, de sintomatologia predominantemente motora como bradicinesia, tremor de repouso, rigidez e distúrbios na postura. A DP também está associada com uma diversidade de sintomas não motores, como hiposmia (diminuição do olfato), movimentos oculares rápidos, distúrbio de comportamento do sono, alterações de personalidade, dor, parestesias (sensações cutâneas na ausência de estímulo) e depressão podem estar presentes e se manifestarem antes dos sintomas motores. Em fase tardia, há o agravo dos sintomas com instabilidade postural e quedas, o congelamento da marcha, fala e dificuldades de deglutição. A DP tem um início gradual entre as idades de 50 e 70 anos, de progresso lento, culmina na morte do indivíduo de 10 a 20 anos mais tarde [15].

A fisiopatologia da DP envolve a perda progressiva de neurônios dopaminérgicos da *substantia nigra pars compacta* que conduzem a desenervação da via nigroestriatal o que acarreta significativa redução de dopamina ao nível do corpo estriado (núcleo caudado e putâmen). Os sintomas só se manifestam quando há perda de 50-60% das células dopaminérgicas e quando há 80-85% menos liberação de dopamina no corpo estriado [16, 17]. E diferentemente de outras doenças neurodegenerativas, na DP a degeneração se mantêm restrita aos neurônios da *substantia nigra pars compacta*. Embora a causa da deterioração progressiva destes neurônios dopaminérgicos seja desconhecida, investigações genéticas estão fornecendo pistas sobre a etiologia e patogenia desta doença. Mas mesmo antes dos estudos genéticos da DP, análises bioquímicas de cérebros *post-mortem* estabeleceram a disfunção mitocondrial, o estresse oxidativo e agregação de proteínas como os principais fatores da patogênese desta doença [18, 19].

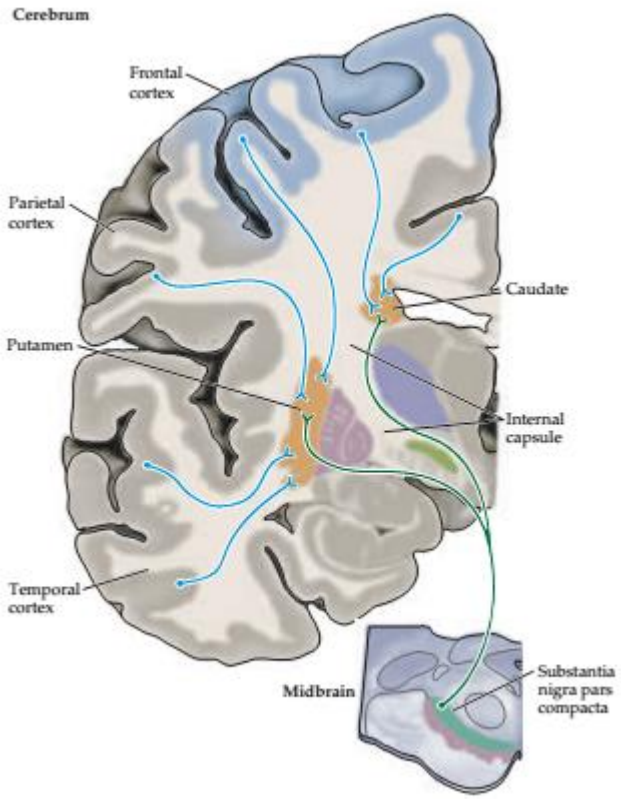


Figura 2: Representação dos Núcleos da Base afetados pela degeneração dos neurônios dopaminérgicos na Doença de Parkinson em linhas verdes (Retirado de Purves, D. *et al*. Neuroscience, Cap 17; 3ed. Sunderland: Sinauer, 2008).

A importância da mitocôndria na patogênese da DP aumentou devido à identificação de mutações nos genes que codificam proteínas mitocondriais [20]. Outra causa discutida para a patogênese da DP é o estresse oxidativo. Existem evidências mostrando o dano oxidativo ao DNA, às proteínas e aos lipídios na *substantia nigra pars compacta*, além da diminuição dos níveis de antioxidantes, como a glutationa (GSH) [21-24]. A disfunção mitocondrial afeta um grande número de vias celulares, culminando em dano nos componentes citoplasmáticos e em morte celular. Algumas funções e morfologia anormais foram observadas na mitocôndria em algumas formas da DP. E além desses fatores, os neurônios dopaminérgicos da *substancia nigra pars compacta* apresentam canais de cálcio voltagem dependente, assim a organela sequestra o cálcio intracelular, resultando na liberação de citocromo c e de fatores pró-apoptóticos, como o fator de iniciação da

apoptose (IAF), que inicia uma cascata de eventos culminando na morte do neurônio dopaminérgico [20].

Como ainda não existem marcadores biológicos ou um padrão definitivo de imagens, o diagnóstico da DP é atualmente feito através de critérios clínicos rigorosos. Contudo, estudos clínicos e histopatológicos com base no material do banco de cérebros do Canadá e do Reino Unido demonstraram que os médicos diagnosticam a doença incorretamente em cerca de 25% dos pacientes. Isso denota a necessidade de ampliar as pesquisas que visem aprimorar a compreensão da doença e de seu tratamento visto que a incidência desta doença, assim como outras doenças neurodegenerativas, está se elevando com o aumento da expectativa de vida [25].

1.3.2 Modelo experimental: *Linhagem de Neuroblastoma Humano SH-SY5Y*

Pela impossibilidade de obtenção de biopsias humanas de pacientes com DP, a maior parte dos estudos sobre esta doença são executados em modelos animais, como ratos e camundongos. Mesmo havendo grande sintenia (organização genética muito semelhante) entre estes modelos animais e humanos, a não realização dos estudos em células humanas se torna um empecilho para a aplicação de novas descobertas na clínica médica.

A linhagem de neuroblastoma humano SH-SY5Y é um subclone derivado do neuroblastoma SK-N-SH. Essas células, quando em cultura, se assemelham a neuroblastos do sistema simpático, apresentando morfologia epitelial com citoplasma escasso [26]. Células dessa linhagem estão em estágios iniciais da diferenciação neuronal, o que permite com que estas células sejam diferenciadas *in vitro* em células tipo neurônio. Muitos estudos mostram que as células de neuroblastoma SH-SY5Y podem ser diferenciadas em neurônios dopaminérgicos através do tratamento com ácido retinóico [27]. Esse composto é uma a neurotrofina responsável pela estimulação de receptores nucleares, que ativam genes responsáveis pela diferenciação e pela maturação neural. Outro elemento de diferenciação celular *in vitro* é a diminuição da concentração de soro fetal bovino (SFB),

que induz a parada da proliferação celular [28]. A linhagem SH-SY5Y é proposta como modelo para a Doença de Parkinson por se assemelhar a uma célula dopaminérgica, exibindo várias das peculiaridades fisiológicas, bioquímicas e morfológicas de tais neurônios, como o formato estrelado com projeção de neuritos alongados e as características bioquímicas, que servem como marcadores neuronais, como a enolase neurônio específica, proteína nuclear de neurônio, sinaptobrevina e sinaptofisina, tirosina hidroxilase, (enzima específica de neurônios dopaminérgicos envolvida na rota de produção de dopamina a partir da L-DOPA) e DAT (transportador de dopamina) responsável pela recaptação do neurotransmissor na fenda sináptica. Por estas características, o protocolo de diferenciação por sete dias com ácido retinóico e soro fetal bovino a 1% em meio para o cultivo da linhagem SH-SY5Y foi escolhido como modelo *in vitro* para estudos da Doença de Parkinson neste estudo [29].

1.3.3 Neurotoxina 6-Hidroxidopamina

Atualmente, a maior parte das pesquisas que induzem DP utiliza a neurotoxina 6-Hidroxidopamina (6-OHDA) [30, 31]. Esta neurotoxina foi a primeira usada em modelos animais da DP [32]. Desde então, a 6-OHDA é utilizada tanto para estudos *in vivo* como *in vitro* desta doença. Ainda, os níveis desta neurotoxina estão elevados no soro de pacientes com DP, por isso, diferentemente das outras toxinas, ela pode ser encontrada fisiologicamente [33, 34]. 6-OHDA é metabólito da dopamina e a sua estrutura é muito semelhante a esse neurotransmissor. Dessa forma, a toxina possui uma alta afinidade pelo transportador de dopamina (DAT). Assim, a 6-OHDA é capaz de entrar no neurônio dopaminérgico. Uma vez dentro do neurônio, a 6-OHDA se acumula no citosol e ocorre a sua auto-oxidação, promovendo a formação de espécies reativas de oxigênio, bem como a diminuição dos níveis de antioxidantes [31]. Esta droga também pode acumular-se na mitocôndria, onde inibe o complexo I da cadeia respiratória [34]. Os neurônios dopaminérgicos da *substantia nigra pars compacta*, além de conter níveis significantes de dopamina, também apresentam H_2O_2 e ferro. Uma reação não enzimática destes três elementos

pode levar à formação de 6-OHDA [35]. Estudos anteriores mostraram que a morte celular causada pela 6-OHDA é devida à apoptose. Ainda, acreditava-se no envolvimento do poro de transição de permeabilidade mitocondrial neste tipo de morte celular [36].

1.3.4 Utilização de 6-OHDA no modelo *in vitro* SH-SY5Y

Por mais de 30 anos são publicados trabalhos que utilizam a linhagem SH-SY5Y, (com diferentes protocolos de diferenciação ou até mesmo em estado proliferativo) e a neurotoxina 6-OHDA, descrevendo mecanismos da patogênese da DP ou outros estudos de biologia celular [37]. Há na literatura uma grande variação dos valores de concentração de 6-OHDA utilizados para causar dano às células SH-SY5Y. Dessa forma assumimos o valor de 15 µM como DL_{50} (concentração necessária para causar dano letal a 50% das células em cultivo) descrito por Lopes *et al*, 2010. Nesse mesmo trabalho é descrita a perda do potencial de membrana mitocondrial na linhagem SH-SY5Y devido ao tratamento com 6-OHDA pelo método do ensaio de JC-1.

Ao que se refere aos estudos que associam esta linhagem a função de cofilina-1, dos poucos trabalhos publicados, as metodologias utilizadas variam entre os ensaios clássicos de bioquímica como o ensaio de MTT e western blot até a transfecção destas células com diferentes plasmídeos. Contudo, nenhum trabalho descreve ou utiliza algum método que vise à avaliação do comportamento de cofilina-1 com relação a apoptose nas células SH-SY5Y quando desafiadas por 6-OHDA. Assim, propomos a microscopia como método de estudo para a elucidação do papel da cofilina-1 durante apoptose na linhagem de neuroblastoma humano SH-SY5Y.

1.4 Utilização da microscopia como ferramenta de estudo em biologia celular

> "O que podemos aprender sobre as células depende das ferramentas à nossa disposição e dos avanços recentes em biologia celular, surgidos devido à introdução de novas técnicas. Portanto, para compreender a biologia celular contemporânea é necessário entender parte de seus métodos".

Texto retirado de Biologia Molecular da Célula – Bruce Alberts

Compreender os fenômenos celulares e bioquímicos perpassa compreender as técnicas à nossa disposição e aprimorar sua utilização através da busca de melhorias em protocolos e reagentes.

A microscopia tem seu início por volta do começo do século XVII quando Kepler propôs a construção de um conjunto de lentes, o microscópio composto [2]. Contudo, também é dado o crédito a Zacharias Janssen pela criação do primeiro microscópio em 1590 [38]. Em 1665, Robert Hooke descreveu pequenos poros na cortiça, que os chamou de células, nome que mudou de significado, mas perdura até hoje [39]. Somente no início do século XIX, Schleiden e Schuwann visualizaram que tecidos vegetais e animais são agrupados celulares em 1838 [40]. E no fim do século XIX foram desenvolvidos os primeiros corantes histológicos.

Atualmente temos disponíveis diversos tipos de microscópios com diferentes fundamentos físicos e resoluções bastante potentes. O correto alinhamento das estruturas do microscópio é fundamental para determinação de uma ótima resolução, com descrito por Köehler [41]. Entretanto, os microscópios óticos possuem uma limitação própria de resolução. Nenhuma estrutura menor que o comprimento de onda da luz pode ser distinguida, tornando assim, impróprio visualizar estruturas que não possuam entre si uma distância mínima de 0,4 µm. A cor emitida, ou seja, visualizada pelo homem, influi nesta capacidade resolutiva. Ao visualizar estruturas coradas em vermelho, a distância mínima distinguível é de 0,7 µm. O limite de separação pelo qual dois objetos ainda podem ser vistos como distintos é chamado limite de resolução [42].

O preparo da amostra também é uma questão que exige muita atenção. Resíduos de gordura, fibras de celulose e a presença de cristais são os artefatos mais comuns em microscopia e podem ser evitados com uma boa limpeza da lâmina e da lamínula. O tampão, a forma, o número e a intensidade das lavagens entre cada etapa do protocolo, podem resultar na perda da amostra (descolamento das células da superfície), formação de cristais e depósitos de agregados de anticorpo ou corantes, gerando pontos de intensa marcação, o que prejudica a imagem que obteremos.

Outra etapa crucial do preparo da amostra é a fixação. A fixação permite que as células se tornem permeáveis a corantes e anticorpos e produz uma ligação cruzada entre as macromoléculas, de maneira que sejam estabilizadas e presas à sua posição como uma foto, retratando o estado celular naquela situação. Alguns dos mais antigos procedimentos de fixação envolvem ácidos ou solventes orgânicos, como o álcool. Os procedimentos atuais envolvem aldeídos reativos, em particular formaldeído e glutaraldeído, que formam ligações covalentes com grupos de aminoácidos livres de proteínas.

Muitos dos corantes utilizados são compostos químicos que coram as células e tecidos através de reações químicas ou afinidades físico-químicas, como é o exemplo dos tradicionais corantes hematoxilina e eosina, que são sais em que seu componente cromógeno possui características básicas ou ácidas que se ligam a estruturas de caráter físico-químico oposto [43]. Dessa forma, estes corantes não são específicos. Para tornar mais específica a visualização de determinadas estruturas, foram desenvolvidas diversas técnicas como as que aliam anticorpos a fluoróforos para marcar com extrema especificidade determinados componentes celulares. Esta técnica, chamada de imunofluorêscencia, é utilizada desde 1942, e possibilita distinguir estruturas internas da célula através da marcação com anticorpos específicos para determinada estrutura (anticorpo primário) e anticorpos anti-anticorpo específico (anticorpo secundário), este conjugado a uma molécula fluorescente. [44, 45]

Moléculas fluorescentes são compostos que são excitáveis, absorvendo energia de um comprimento de onda específico e emitem luz de um determinado comprimento de onda maior (ou seja, de menor energia). Algumas vezes, a molécula fluorescente não é específica e há ligação desta na superfície de vidro ou plástico, ou em outras estruturas que não são alvo do estudo. Ocorrendo o que se chama “*background*”. As ligações inespecíficas dos anticorpos ou compostos fluorescentes utilizados que se ligam ao suporte sólido são devidas às lavagens inadequadas que favorecem a formação de acúmulos fora da célula.

Para realizar este tipo de técnica em microscopia, é necessária a utilização de microscópios capazes de excitar as moléculas fluorescentes,

utilizadas como marcadores, em seu comprimento de onda específico, o microscópio com estas características chama-se microscopio de fluorescência. Este, assim como o microscópio óptico, é um conjunto de lentes de aumento que possui uma lâmpada geralmente de xenônio ou mercúrio, e um conjunto de filtros que seleciona a luz que atinge a amostra (comprimento de excitação) e outro conjunto que seleciona a luz obtida da amostra (comprimento de emissão).

Um dos problemas inerentes da microscopia de fluorescência é definir exatamente a posição espacial da estrutura marcada pelo fluoróforo na amostra. Secções de tecidos com mais de 2 µm de espessura possuem, de forma mínima, mas considerável, uma terceira dimensão. A amostra ao receber a luz é excitada e emite a fluorescência de diferentes planos focais o que, por vezes, interfere na visualização da imagem, por dar um aspecto "borrado" à estrutura marcada. Este problema pode ser corrigido de duas formas: a deconvolução e a obtenção de secções ópticas. A deconvolução é a correção matemática das imagens, prontamente processadas por um computador que calculará a contribuição da desfocagem na formação da imagem e que corrigirá digitalmente esse defeito de óptica, alcançando o limite teórico de resolução. Assim obtemos uma imagem límpida, com menos borrões. [2] A outra forma, obtendo secções ópticas da amostra, foi possibilitada pela criação de um microscópio que utiliza um *Laser* (*Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation*) como fonte de luz, que através de um conjunto de espelhos seleciona os feixes emitidos pela amostra, permitindo que apenas um plano focal da amostra seja capturado pelo fotomultiplicador. Este equipamento é chamado Microscópio Confocal, inventado por Marvin Minsky em 1955 [46, 47]. A terminologia "secções ópticas" se refere ao fato de que nesta metodologia são obtidas imagens de secções da amostra, de forma não invasiva, através da coleta seletiva de informações de um único plano focal por vez. O microscópio ilumina apenas um ponto da amostra de aproximadamente 1 μm^3 de volume, e dessa forma, espécimes relativamente espessas podem ser visualizados nos volumes sucessivos através da aquisição de uma série de secções ao longo do eixo óptico (Eixo Z) do microscópio.

O aspecto fundamental para a abordagem confocal é a utilização de técnicas de filtragem espacial para eliminar a luz para fora de foco. O ponto de luz é focado por uma lente objetiva no plano focal desejado na amostra, a luz que passa através do espécime é focada por uma segunda lente objetiva e após, um orifício permite a passagem da luz de somente um foco, o mesmo que o emitido, ou seja, confocal um ao outro. Qualquer luz que passe o segundo orifício atinge um fotomultiplicador de baixo ruído, que gera um sinal que é relacionado com a intensidade da luz a partir da amostra. O segundo orifício impede a entrada de luz proveniente de um plano acima ou abaixo do obturador. O uso de filtragem espacial para eliminar a luz fora de foco, em amostras que são mais espessas do que o plano do foco, é a chave para a abordagem confocal.

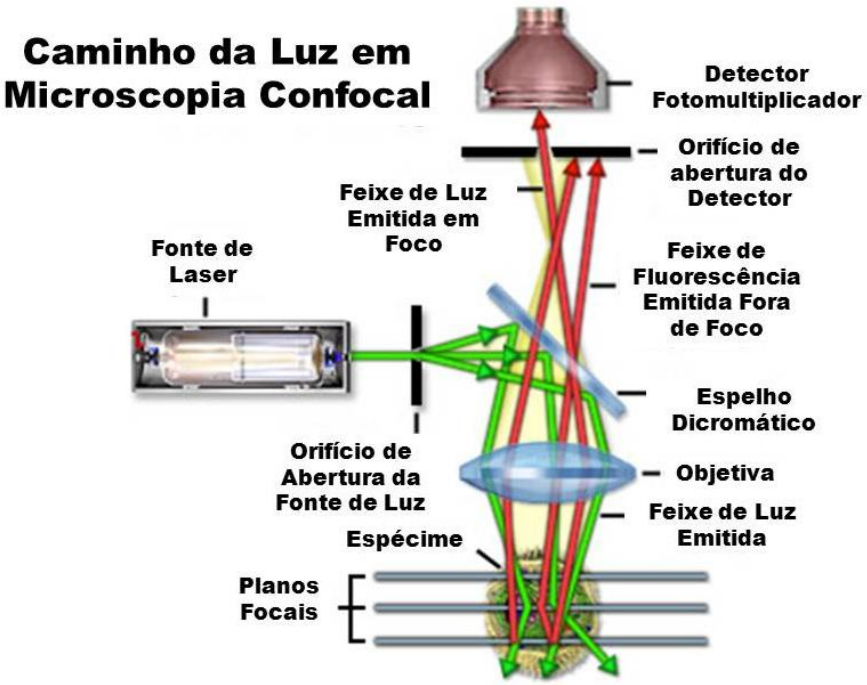


Figura 3: Figura esquemática do funcionamento do Microscópio Confocal (adaptado de Nikon website).

O microscópio confocal tem tido um aumento de popularidade nos últimos anos, em parte devido à relativa facilidade com a qual as imagens, de altíssima qualidade, podem ser obtidas a partir de amostras preparadas para a microscopia de fluorescência convencional, e ao crescente número de aplicações em biologia celular que dependem de imagem. Na verdade, a

tecnologia confocal está provando ser um dos avanços mais importantes já alcançados em microscopia óptica [48-52].

A utilização da microscopia de fluorescência não está limitada a apenas análises qualitativas da amostra. Cada vez mais, os dados de imagem são utilizados para fornecer informações semiquantitativas com o auxílio de softwares como *ImageJ* (*Java-based image processing program*) [53]. Entre as poderosas ferramentas para analisar processos no contexto fisiológico de células vivas intactas, a microscopia de fluorescência é citada como a mais promissora, pois cada vez mais estas técnicas estão sendo aplicadas a experimentos de genômica funcional. Dessa forma, a microscopia de fluorescência está em transição: de uma técnica qualitativa para quantitativa e de alto rendimento [54, 55]. Podem ser citadas como novas aplicações da microscopia de fluorescência, técnicas como: a expressão de proteínas recombinantes fluorescentes, que é a conjugação de genes que codificam proteínas autofluorescentes [56]; reconstrução de imagem 3D, que utiliza todos os dados espaciais obtidos da microscopia confocal e através um programa de computador organiza as informações para gerar uma imagem em 3D da célula [57, 58]; *time-lapse* (análise por microscopia em tempo real) que é formação de vídeos da célula em tempo real, recurso muito utilizado quando se deseja analisar efeitos celulares transcorridos com tempo com modificação morfológica, como por exemplo, a apoptose, divisão celular e outros [56]; FRET (*Fluorescence Resonance Energy Transfer*) são proteínas com moléculas fluorescentes que são complementares a outros fluorocromos também ligados a proteínas quando próximas a no máximo 10nm sendo então possível avaliar interações entre proteínas, como interação ligante-receptor [59]; FRAP (*Fluorescence Recovery After Photobleachin*g) e FLIP (*Fluorescence Loss in Photobleaching*), a fim de observar o movimento de materiais intracelulares através da fotodegradação da fluorescência em um ponto e avaliando a recuperação do sinal no local onde um *laser* incidiu, dessa forma pode se examinar a fluidez e a direção do deslocamento das moléculas e continuidade de membranas [60, 61]; e por fim a colocalização que é um método bastante abrangente e utilizado em diversas situações, e que está presente em praticamente todos os métodos citados anteriormente. A colocalização objetiva visualizar a presença de

diferentes componentes na célula simultaneamente. Este resultado é obtido através da utilização de fluoróforos de diferentes cores de emissão, marcando estruturas diferentes. Como exemplo da utilização da técnica de colocalização, Cremer *et al*. desenvolveram a teoria dos territórios cromossômicos basicamente com a utilização das técnicas de fluorescência e colocalização dos genes no núcleo [62, 63]. As imagens que serão capturadas pelo fotomultiplicador no microscópio confocal, seleciona um comprimento de onda por vez – canais de imagem - assim, apresenta apenas uma cor a cada imagem. Porém, a união de diferentes cores sobrepostas nos permite inferir que as estruturas marcadas, estão muito próximas ou interagindo entre si. Como limitação, a colocalização não permite visualizar cores muito próximas no espectro da luz, a contribuição de um comprimento de onda no outros gera uma sobreposição na imagem que não é fidedigna ao estudo que se propõe.

A partir dessas informações, notando-se que a microscopia confocal possui diversas vantagens metodológicas que possibilitam avaliações citomorfológicas e bioquímicas da célula; que a morte dos neurônios dopaminérgicos, na patologia da Doença de Parkinson se dá por apoptose [36, 64]; que a neurotoxina 6-OHDA induz morte celular por este mecanismo de morte celular programada [29, 65], e que cofilina-1 é descrita como indutor intracelular de apoptose pela oxidação de seus resíduos de cisteína na presença de oxidantes, este trabalho se propõe a observar o fenômeno, da translocação de cofilina-1 para o interior da mitocôndria nas células da linhagem SH-SY5Y diferenciada. Para tanto, técnica de microscopia confocal será utilizada, e um protocolo de imunofluorescência para este modelo *in vitro* para estudos da Doença de Parkinson será estabelecido.

2 ARTIGO CIENTÍFICO

An immunofluorescence confocal microscopy method for detection of cofilin-1 in an *in vitro* model for Parkinson's disease studies

Adriana C. Silva[1], Fernanda M. Lopes[1], Liana M. Medeiros[1], Patrícia Schönhofen[1], Ivi J. Bristot[1], Fabio Klamt[1]

Author´s Affiliation: [1]Laboratory 24, Department of Biochemistry, ICBS/UFRGS, Porto Alegre/RS, Brazil, Ramiro Barcelos 2600 – Anexo, Santa Cecília.

Corresponding Author: Adriana C. Silva; Phone – 555194817979 / 555133085555; E-mail – adri_correasilva@yahoo.com.br; Laboratory 24, Department of Biochemistry, ICBS/UFRGS, Porto Alegre/RS, Brazil, Ramiro Barcelos 2600 – Anexo, Santa Cecília.

ABSTRACT

Background: The physiopathology of Parkinson´s disease (PD) has not been completely understood. Mitochondrial dysfunction and oxidative stress have been strongly related in pathogenesis of PD and it is known that oxidation of cofilin-1 mediates this events in tumor cells by oxidants and could play a role in neuronal cell death by 6-hydroxydopamine (6-OHDA). Using the SH-SY5Y cells line following a protocol of differentiation into a dopaminergic neuron-like cells as an *in vitro* model of DP, we studied on confocal microscopy differences in cell morphology. The confocal microscopy has been one of the most popular and promising research technique, but it is necessary improvements in the protocols depending of sample. To study the behavior of cofilin-1 was developed an immunofluorescence protocol for Confocal Microscopy.

New Method: To establish an efficient immunofluorescence protocol for SH-SY5Y were used morphological and biochemical parameters to validate the protocol developed.

Results: We developed an efficient immunofluorescence protocol for SH-SY5Y cells, allowing label cofilin-1, cytochrome c, cell nucleus, and

mitochondria for future studies on confocal microscopy. Through the protocol developed, it was possible to establish the best conditions for immunolabeling. It was possible to characterize the location of some organelles in the cell correlating with the cell state and also view the mitochondrial fragmentation phenomena in response to the neurotoxin treatment.

Comparison with Existing Method(s): This protocol has developed to attend a specific cell line, although describe critical steps for the technique guiding the researchers, making possible adapt for other biological samples, because in this work is approached the essential steps of immunofluorescence.

Conclusions: The immunofluorescence is a method that allows observes the cell state minimizing the effects arising from technique maintaining the cell characteristics. It is make possible obtain many information about the cell physiopathology. In differentiated SH-SY5Y cell line was possible to note mitochondrial fragmentation in presence of neurotoxin 6-OHDA, which support the literature and allowed future studies to value the role of cofilina-1 in DP.

Keywords: Mitochondria, Confocal Microscopy, immunofluorescence, Parkinson´s Disease, cofilina-1, SH-SY5Y

Highlights

- Confocal microscopy is an important tool, which allows several biochemical and cellular studies based on cell morphology, however for each sample it should be established the best experimental conditions, due to the peculiarities of each cell type or specimen.
- We established an immunofluorescence protocol to study the cofilin-1 protein and its behavior when the cell was stressed by neurotoxins, such as 6-OHDA.
- We found an intense mitochondrial fragmentation when differentiated SH-SY5Y cells were treated with 6-OHDA.

1. INTRODUCTION

Parkinson's disease (PD) is the second most prevalent neurodegenerative disease. This chronic disturb causes severe motor dysfunction, such as bradykinesia, resting tremor, rigidity, postural instability, and also affects autonomic function and cognition. There are not biological markers or a standard diagnostic imaging, and therefore about 25% of the patients with PD are incorrectly diagnosed (World Health Organization, 2006). The molecular mechanisms underlying neurodegeneration of the nigrostriatal pathway during the progression of PD has not been completely understood, although several factors, including mitochondrial dysfunction, oxidative stress and apoptosis have been strongly related to contribute to cell death in PD (Jenner, 2003; Schapira AH, 2011).

The protein cofilin-1 is an example of protein that is involved in different functions in the cell, depending on the situation. It is known that oxidation of cofilin-1 mediates events like cell damage by apoptosis in tumor cells through oxidation of cofilin-1's Cys residues, which cause lost of its affinity for actin, and translocation to the mitochondria, inducing swelling and cytochrome c release by mediating opening of the permeability transition pore (Klamt et al., 2009). Our hypothesis is that cofilin-1 may play a role in neuronal cell death when it is induced by neurotoxins, such as 6-hydroxydopamine (6-OHDA) (Lopes FM *et al*., 2010).

6-OHDA is the most used toxin in experimental models of PD (Bové J and Perier C, 2012). This neurotoxin cause apoptosis of dopaminergic neurons in *substantia nigra pars compacta,* reproducing an important pathological feature of PD (Li *et al*., 2012) and the levels of this neurotoxin are increased in the serum of patients with DP (Schober, 2004). Because this neurotoxin has similar structure to dopamine, it shows high affinity for the dopamine transporter and for this reason selectively destroys dopaminergic and catecholaminergic neurons. Inside the neuron, 6-OHDA accumulates in cytoplasm and undergoes non-enzymatic auto-oxidation, promoting free radical formation (Bové J and Perier C, 2012).

Nowadays, the Confocal Microscopy method has been a tremendous explosion in the popularity due in part to the relative ease with which extremely high-quality images can be obtained from specimens prepared for conventional optical microscopy, and to great number of applications in many areas of current research interest. Indeed, the confocal technology is proving to be one of the most important advances already achieved in optical microscopy (Amos and White, 2003), because through this technique is possible to visualize in intact living cells, the effects of the biochemical reactions (Ellenberg, 2006). For this reason, this study aims to develop an immunofluorescence protocol to confocal microscopy to study the behavior of cofilin-1 within SH-SY5Y cells when challenged by the neurotoxin 6-OHDA and contribute with literature about the involvement of cofilin-1 in apoptosis, a possible therapeutic target for Parkinson's disease.

2. MATERIALS AND METHODS

2.1. Cell culture and differentiation

Exponential growing human neuroblastoma cell line SH-SY5Y, obtained from ATCC® (Manassas, VA, USA) were grown in Dulbecco's Modified Eagle's Medium High-glucose/F12 medium (1:1 v/v) containing 10% fetal bovine serum (FBS) and 1% antibiotic/antimycotic mix. Cells were maintained at 37ºC in a saturated humidity atmosphere containing 5% CO_2. After 24h of cell plating the differentiation was induced by lowering the FBS in culture medium to 1% plus retinoic acid (RA) at 10 µM during 7 days (Lopes F.M. et al., 2010).

2.2. Immunofluorescence Protocol

2.2.1. Preparation of coverslips and plate the cells

To use the confocal microscope, the cells must be plated in coverslips or another plate with thickness below than 0,16 mm. The preparation of slides and coverslips is a crucial part of the process, because many dyes have affinity for fats, which soiled the image. In this work, three kinds of cleaning were performed using weak acids, organic solvents, alcohols and detergents. In order to determine the best method to clean the coverslips, we establish

immersion the coverslips in hot water (>60°C) with a neutral detergent, such as extran® 5% (v/v) (Merck KGaA, Darmstadt, Germany), wash with distilled water until complete removal of the detergent and dipping the coverslips in alcohol 70% at least 12h. The drying should be made in drying oven upper then 30ºC. Coverslips are sterilized into ultraviolet light by 30 min and put on sterile 12 well culture plate. Tweezers must be used in all cleaning process to avoid touching the coverslips with hands. This process decreases the bubbles in glass, reduces fats in the surface of the coverslip and enables the adhesion of cell without addition of substrates such as poly-L-lysine, because this cell type adhered easily to glass and plastic surfaces. However, surfaces coated with poly-L-lysine are indicated of all cells types, because this polymer blocks the glass auto-fluorescence.

The cells are trypsinized when they reach 75% of confluence and plated on coverslips. This culture is established as a standard on 25.000/cm^2, however, as this concentration is too high to view in microscope, the cells must be plated in order to avoid any overlapping of their structures. Therefore, it defaults to a reduction of 10% at a concentration of plated (if you used treatments that cause cell death, you should consider the lethal dose). That way, the cells maintain in contact with other without overlap the cells and formation of big grouped cells. SH-SY5Y cells are suspended in medium and plated on the coverslip, just on glass area, keep on 37º C and 5% CO_2 for 1h. After, adding the medium to complete the normal volume of medium. After 24h, starts the differentiation protocol. All cells have to be adhered in the surface to start the protocol, otherwise during the washes of immunofluorescence protocol the cells will be throwing it away. In case of use the proliferative cells, you must not start the immunofluorescence protocol before the 24 hours of adhesion, because cells need to stabilize on the matrix in this period to overcome the stress caused by trypsinization.

2.2.2. Reagents

2.2.2.1. Buffer

When you choose the washing buffer, it is important to consider use the smallest amount of salt as possible, without containing pH indicators, such as

phenol red, because this compound form crystal easily and there is auto-fluorescence. The most commonly buffer that is used for confocal microscopy is the phosphate buffered saline (PBS). We work with PBS and Hank's Balanced Salt Solution with phenol red (HBSS), however PBS is better than HBSS in immunofluorescence protocol.

2.2.2.2. Fixatives

The purpose of fixation is to preserve biological samples as similar to natural state as possible. This process prevents postmortem degeneration and autolysis, inhibit hydrolytic enzymes, and harden the tissues, thus facilitating subsequent staining of tissues or cells. Fixatives often alter the cells or tissues on a molecular level to increase their mechanical strength or stability to subsequent treatment as staining. A good fixative must kill the cell quickly without shrinkage or swelling, penetrate the tissue rapidly and inhibit autolysis. Fixation is usually the first stage in immunofluorescence protocol to prepare a sample for microscopy. The choice of fixative and fixation protocol is a crucial step of the process because establishes generalized molecular bonds within the cell. For example, when we work with antibodies, which bind to a specific protein target, prolonged fixation can chemically mask these targets and prevent antibody binding.

There are three types of fixatives according to the chemical properties of the compounds, although we test two classes of fixatives: crosslinking fixative and denaturing fixative. We used paraformaldehyde, the most commonly crosslinking fixative, that interacts primarily with the residues of the basic amino acid lysine and tend to preserve the secondary structure of proteins and significantly protecting amounts from denaturation the tertiary structure as well. Glutaraldehyde, another crosslinking fixative, must not br used on confocal microscopy because this fixative is too much autofluorescent.

In this work we also used methanol:acetone (1:1 v/v). This solution is classified as denaturing fixative, because acts on reducing the solubility of protein molecules by disrupting the hydrophobic interactions which give the tertiary structure of proteins. Figure 1 shows the differentiated SH-SY5Y cells line fixed by different fixatives.

It was chosen paraformaldehyde as fixative and defined a previous fixation with paraformaldehyde 2% (m/v), solubilized in PBS (pH 7.4) and medium for 20 min, just before fixation with paraformaldehyde 4% for more 20min further, samples were washed using PBS.

2.2.2.3. Mitochondria Dye

Membrane-potential-dependent dyes such as Rhodamine 123, tetramethylrhodamine methyl ester (TMRM), and tetramethylrhodamine ethyl ester (TMRE) are useful as long as the mitochondria maintains its negative membrane potential. However de commercial MitoTracker® Orange CMTMRos is a chloromethyl-X-rosamine, lipophilic cationic orange-fluorescent dye that stains mitochondria in live cells; and its accumulation is dependent upon membrane potential, and maintained in cell after aldehyde-based fixation (Chazotte, 2011). The cell-permeant MitoTracker® Orange probes contain a mildly thiol-reactive chloromethyl moiety for labeling mitochondria which are excited in 554 nm, and emitting fluorescence at 576 nm. This probe is very well establish as a sensitive mitochondrial marker when the organelle are in oxidative stress, have being a good indicator of relative changes in mitochondrial membrane potential (Pendergrass et al., 2004).

For this reason, MitoTracker® Orange CMTMRos from Molecular Probes®, Inc. (Eugene, OR, USA) (MTO) was chosen as a mitochondria marker in this work. MTO was test in cells fixed with methanol:acetone and paraformaldehyde. The dye becomes permanently bound to the mitochondria, thus remaining after the cell is fixed with both fixatives. We stained the cells at concentration of 400 nM in buffer at 37ºC for 30 min as recommended by the manufacturer. However, we perceived inespecific binding of MTO in the nucleus (what is impossible in theory) and in the coverslip, because this dye is lipophilic and stain any fat residual that is on the coverslip in high concentrations. So, is very important to clean very well the materials that are used in the work when MTO is used. In the last performed test, we used MTO a concentration of 200 nM, which diminished the background but the problem was not resolved. More tests are necessary to standardize a MTO protocol.

There are some articles, which describe MTO as inhibitor of the mitochondrial respiratory chain at complex I by permeability transition pore opening by CMTMRos, with concomitant depolarization, swelling, and release of cytochrome *c*, after staining cells with CMTMRos, in high concentrations. (Scorrano et al., 1999). So, the use of this dye requires a strict standardization according to the study that will be conducted.

2.2.2.4. Nuclear Dye

We stained the cell's nucleus with Hoechst® 33258 (Invitrogen®, Inc., Carlsbad, CA, USA) to marker all cells, independent of labeling with antibodies or dyes. This probe is cell permeable nucleic acid stains and the fluorescence of these dyes is very sensitive to DNA conformation and chromatin state in cells. Consequently, they can detect gradations of nuclear damage and is often used to distinguish condensed pycnotic nuclei in apoptotic cells and for cell cycle studies. These bisbenzimidazole derivatives are supravital minor groove–binding DNA stains with adenine/thymine selectivity.

The MitoTracker® and Hoechst® stock solutions are stable for at least 6 months when refrigerated. For long-term storage the stock solution can be aliquoted and stored at ≤ –20°C (Molecular Probes, 2005).

We used a concentration of 1 µg/mL in buffer at 37ºC for 30 min and after the cells washed twice with buffer. Hoechst® 33258 is excited in 352 nm (ultraviolet frequency) and emitted fluorescent at 576 nm (blue).

2.2.2.5. Antibodies

Tests were conducted on primary and secondary antibody to determine the best concentrations for the technique, in order to determinate each amount antibody, each fluorophore and describe the differences between them. It is always necessary to standardize the antibodies that will be used. Frequently the concentrations recommended by the manufacturers are not necessarily the best. We tested many concentrations and determine the best concentrations being as primary and secondary antibodies, as shown in Figure 2. It was used in this work Mouse anti-cytochrome c (10 µg/mL) from Invitrogen® (Carlsbad, CA, USA) and Rabbit anti-cofilin-1 (0,5 µg/mL) from Abcam® (Cambridge, England). The concentrations used are half that

recommended by the manufacturers. As secondary antibody, we used Alexa Fluor® 635 and Alexa Fluor® 488 Goat Anti-Rabbit IgG (H+L) Antibodies and Alexa Fluor® 568 and Alexa Fluor® 405 Goat Anti-Mouse IgG (H+L) Antibodies from Molecular Probes®, Inc. (Eugene, OR, USA) and determined a concentration 1:250 in buffer as the standard. Sometimes, the same antibody with the same concentration, but conjugated with different fluorophores have different intensities. But also, the same antibody and fluorophores in different concentrations show dissemblance. So, it is important to test all combination before performing the experiments. The choice of the antibody must consider the resolution limit of microscopy, because the colors which are emitted change the limit of resolution. So if you want see a small structure or subtle differences in the cell after a treatment, for example, it is important choose a fluorochrome between blue and green emission, because zone in the electromagnetic spectrum have the smaller wave-length in the visible light spectrum, therefore have the best resolution.

After the fixation and removed all the fixative, the cells was washed three times with 0,2% Triton-X 100 to permeabilize membranes, shaking for 5 min each wash. Non-specific binding were blocked with 1% BSA in PBS incubate for 1h at 4ºC with 1% BSA in PBS. Cells were incubated with the on primary antibodies overnight at 4°C in shaker. After washing with PBS and 0.02% Triton-X100, cells were incubated with secondary antibodies for 1h at 4ºC, and further washed twice with PBS. In order to remove all salts crystals and prevent the formation of crystals, it is recommended a last wash with distilled water.

2.2.2.6. Mounting Medium

The coverslips are removed from wells and placed on slide glasses with a drop of Fluoromount™ Aqueous Mounting Medium from Sigma-Aldrich® Chemical Co. (St. Louis, MO, USA) between the glasses. This solution keeps the fluorescence more time by stabilizing fluorophores, preventing fading and dryness of the sample. Without Fluoromount™ the fluorescence remains approximately one or two days with Alexa Fluor® dyes (a very stable fluorophores), but with Mounting Medium and keep at 4ºC, after 2 weeks its possible see fluorescence signal.

2.2.3. Confocal Microscopy

Confocal microscopy offers several advantages over conventional optical microscopy, including controllable depth of field, the elimination of image degrading out-of-focus information, and the ability to collect serial optical sections from thick specimens. The key to the confocal approach is the use of spatial filtering to eliminate out-of-focus light or flare in specimens that are thicker than the plane of focus. The confocal approach has facilitated much more useful imaging of living specimens, enabling the automated collection of three-dimensional (z-series) data, and improving the images obtained of specimens using multiple labeling. The point of light was focused by an objective lens at the desired focal plane in the specimen, and light that passed through it was focused by a second objective lens at a second pinhole having the same focus as the first pinhole. Any light that passed the second pinhole struck a low-noise photomultiplier, which generated a signal that was related to the brightness of the light from the specimen. The second pinhole prevented light originating from above or below the plane of focus in the specimen from reaching the photomultiplier (Paddock S.W. et al., 2013). This equipment, developed by Marvin Minsky in 1955 is proving to be one of the most important advances already achieved in optical microscopy (Amos and White, 2003).

Our images ware made in Electron Microscopy Center at Federal University of Rio Grande do Sul, in a *laser* scanning confocal microscope Olympus FluoView™ 1000 (Olympus® Inc. Tokyo, Japan). The image acquisition software and image processing was made in FluoView® (Olympus® Inc. Tokyo, Japan).

3. RESULTS

3.1. Evaluation of best fixative solution

Paraformaldehyde and methanol:acetone were tested in differentiated SH-SY5Y cells line to evaluate the presence of neurites, as show in Figure 1. Some scanning electron microscope (SEM) images were made by our group and were used to compare the proliferative and differentiated cells morphology. It is possible to see long cellular process in SEM images (Fig 1A

and 1B), as well as in phase contrast images in culture plate without any fixation (Fig 1C). This profile was compare to confocal images (visible channel) in Figure 1C and 1D.

3.2. The choice of the antibodies

Each primary antibody was tested in differentiated SH-SY5Y cells line each primary antibody in three different concentrations, in conventional fluorescence microscopy. The mouse anti-cytochrome c in 20 µg/mL, 10 µg/mL and 5 µg/mL; rabbit anti-cofilin-1 in 1 µg/mL, 0,5 µg/mL and 0,1 µg/mL. The secondary antibodies were tested in different dilutions (1:100 and 1:500) as shown in Figure 2. Based on the results, we established the best concentrations being 10 µg/mL to anti-cytochrome c, 0,5 µg/mL to anti-cofilin-1 and secondary antibodies 1:250 in buffer.

In cofilin-1 panel, it is possible to observe in the same concentration of primary antibody, differences between Alexa Fluor® 488 and Alexa Fluor® 635. Alexa Fluor® 488 labeled all cell including the neurites, as related in literature, but Alexa Fluor® 635 just label in the cell soma.

In cofilin-1 panel we highlight one cell to show distribution of cofilin in the cell cytoplasm, in Figure 3. It is possible see the presence of cofilin in all cytoplasm and in neurites, especially in some protrusions.

3.3. Mitochondrial fragmentation in response to 6-hidroxidopamenine treatment

6-OHDA treatment induces loss of mitochondrial membrane potential in proliferative and differentiated SH-SY5Y cells (Lopes F.M. et al., 2010). To evaluate this effect by microscopy, differentiated SH-SY5Y cells were treated with 15 µM 6-OHDA for 3h and 6h and immunofluorescence protocol was performed. The cells were labeled with anti-cytochrome c, Alexa Fluor® 568 and Hoechst® 33258. The confocal microscopy images were obtained as described in materials and methods and show in Figure 4.

In untreated SH-SY5Y cells is possible to see the classical mitochondria network, (Fig 4A), but when the cells are treated for 3h with neurotoxin, the

mitochondrial network appears to be undone and become more rounded (Fig 4B). After 6h treatment the mitochondria is completely fragmented, as shown in Fig 4C. The neurites are also affected. In non-treated cells, the neurites are labeled by cytochrome c (Fig 4D), but in 6h-treatment are unlabeled, as seen in Figure 4E.

4. DISCUSSION

Dephosphorylation (activation) of cofilin-1, an actin binding protein, is stimulated by initiators of neuronal dysfunction and degeneration including oxidative stress, excitotoxic glutamate, ischemia, soluble forms of beta-amyloid peptide, and its oxidation mediated neuronal cell death when it is induced by neurotoxins (Bamburg et al., 2010). Some studies established several advantages of the use of differentiated human neuroblastoma SH-SY5Y cells as an *in vitro* experimental model for physiopathology of Parkinson´s disease (Xie et al., 2010), enabling better understanding on molecular mechanisms that underlies neurodegeneration of the nigrostriatal pathway during the progression of Parkinson´s disease. 6-hydroxydopamine destroys dopaminergic neurons through free radical–mediated mechanisms, thus reproducing an important pathological feature of PD (Jenner, 2003; Schapira AH, 2011). To study cellular changes the confocal technology is proving to be one of the most important advances already achieved in optical microscopy (Amos and White, 2003). One of the most advantageous features of the *in vitro* model of DP when we work with microscopy is the morphology. These cells easily change its morphology in response of many kinds of injury and are very sensitive. Because of this, it is important to choose a fixative that do not change the cells characteristics, and enables to evaluate the modifications caused by 6-OHDA treatment. We test some fixatives, but we did not find differences between paraformaldehyde and methanol:acetone fixation. The both fixatives maintained the neurites well done. Thus, paraformaldehyde was chosen as fixative in our protocol, because it is better describe its reactions with other chemical compounds.

In an immunofluorescence protocol, is essential test the all antibodies available. In cofilin-1 panel, it is possible observe in the same concentration

of primary antibody, differences between Alexa Fluor® 488 and Alexa Fluor® 635. We attribute this effect to a possible differences between lots of antibody considering that are proteins derived from animals, even undergoing a internal rigid quality control by manufacturer, some differences are inherent of the production process of F(ab')2 Fragment (recognition and antigen-binding antibody region). Thereby, we reaffirm the need to test all antibodies combinations before realize the experiments. Another aspect also observed for the choice of the secondary antibody was the influence of color on the resolution limit, as mentioned in materials and methods of this article. We have chosen the more sensitive probe available to value translocation of cofilin-1 for mitochondria, thereby facilitating the assessment of intracellular mobilization of this protein. Thus, Alexa Fluor® 488 was chosen as secondary antibody to label cofilin-1. Curiously, we observed a clear difference between concentrations 1:100 and 1:500 in Alexa Fluor® 405 in cytochrome c panel. This secondary antibody in high concentrations accumulates in nucleus. Probably this effect is due some affinity of fluorochrome to binds in the DNA in high concentrations.

Considering our aim is develop an immunofluorescence protocol of detects cofilin-1, we have been successful. In Figure 3 is possible see a differentiated SH-SY5Y cell labels by cofilin-1 in all cytoplasm. The presence of cofilin-1 into the nucleus is reported by translocation in response to certain physical or chemical stimuli through an active nuclear localization signal (Munsie et al., 2012). What confirm our image, this protein is practically ubiquitous in the cell, which indicates the importance of this protein in cell physiology and highlights its multifunctional character. This way it was possible to standardize a protocol, focusing on cofilin-1, allowing studies with 6-OHDA to assess the behavior of cofilin in cell.

A small part of SH-SY5Y cells not are responsive to the differentiation, showing a different phenotype, with a large cytoplasm, a big nucleus and more adherent to the plate or coverslip. In the larger cell was possible see with more definition the classical mitochondria network, as well as the mitochondrial fragmentation. Mitochondria are remarkably dynamic organelles that migrate, divide and fuse in response a biochemical process, such as 6-OHDA challenge that causes reactive oxygen species inducing

mitochondrial fragmentation. We can then observe in the differentiated cell the presence of mitochondria in filaments form along the neurites and known to programmed cell death is an important process in both health and disease. Although mitochondrial fission is an early event in cell death, the precise role of fission in cell death remains unclear. Each neuron contains several hundred mitochondria that form cable-like structures along neuronal projections to help them meet their large energy demands. Neurons require energy to transport organelles and cargo along microtubules or actin fibres (motor molecules like dyneins, kinesins and myosin mediate this process) and to maintain ion gradients and the membrane potential by ATP-dependent Ca^{2+} and Na^{+}/K^{+} pumps and ion channels. Additionally, neurotransmitter vesicle loading at pre-synaptic terminals and Ca^{2+}-mediated neurotransmitter release into the synaptic cleft are also ATP-dependent events (Knott et al., 2008). This explain the presence of cytochrome c in neurites healthy cells in figure 4C, but not in cells treated with 6-OHDA. Although is important to emphasize, cytochrome c is describe as mitochondrial marker and its role in oxidative phosphorylation is very establish, it is not the best mitochondrial marker, because it is easy to oxidize and release from mitochondria, however the images with MitoTracker® are unclearly and was not be used for any biological evaluation in this work.

Confocal microscopy does not make miracles, makes possible visualized same structures with greater definition, however other structures, perhaps little noted in tradition fluorescence microscopy become a big problem in confocal microscopy such as for example, crystals formed by salts or aminoacids. Unfortunately, because of such problems as microscopy artifacts we not be able to value the behavior of cofilin-1 when the cell are treated by 6-OHDA, thus is necessary more test, because this protein is reported as can be a target for therapeutic studies.

Howsoever, with our results, we can conclude that the protocol developed is useful for biochemical and cytomorphologic changes evaluations induced by the neurotoxin 6-hydroxydopamine in SH-SY5H cells line.

REFERENCES

Amos WB, White JG. How the Confocal Laser Scanning Microscope entered Biological Research. Biology of the Cell, 2003; 95: 335-42.

Bamburg JR, Bernstein BW, Davis RC, Flynn KC, Goldsbury C, Wiggan O. ADF/Cofilin-actin rods in neurodegenerative diseases. Current Alzheimer research, 2010; 7: 241-50.

Bové J, Perier C. Neurotoxin-based models of Parkinson's disease. Neuroscience., 2012; 211: 51-76.

Chazotte B. Labeling mitochondria with MitoTracker dyes. Cold Spring Harbor protocols, 2011; 2011: 990-2.

Ellenberg RPJ. High-throughput fluorescence microscopy for systems biology. Nat Rev Mol Cell Biol, 2006; 7: 690-6.

Jenner P. Oxidative Stress in Parkinson’s Disease. Ann Neurol, 2003; 53: S26 –S38.

Klamt F, Zdanov S, Levine RL, Pariser A, Zhang Y, Zhang B, Yu LR, Veenstra TD, Shacter E. Oxidant-induced apoptosis is mediated by oxidation of the actin-regulatory protein cofilin. Nature cell biology, 2009; 11: 1241-6.

Knott AB, Perkins G, Schwarzenbacher R, Bossy-Wetzel E. Mitochondrial fragmentation in neurodegeneration. Nature reviews. Neuroscience, 2008; 9: 505-18.

Li F, Tian X, Zhou Y, Zhu L, Wang B, Ding M, Pang H. Dysregulated expression of secretogranin III is involved in neurotoxin-induced dopaminergic neuron apoptosis. Journal of neuroscience research, 2012; 90: 2237-46.

Lopes F.M., Schröder R., da Frota M.L. Jr, Zanotto-Filho A., Müller C.B., Kapczinski F., Moreira J.C., Fernandes M. da C., Klamt F. Comparison between proliferative and neuron-like SH-SY5Y cells as an in vitro model for Parkinson disease studies. Brain Res, 2010; 1337: 85-94.

Molecular Probes I. Hoechst Stains. Data sheet: Eugene, OR, 2005.

Munsie LN, Desmond CR, Truant R. Cofilin nuclear-cytoplasmic shuttling affects cofilin-actin rod formation during stress. Journal of cell science, 2012; 125: 3977-88.

Paddock S.W., Fellers T. J., W. DM. Nikon Microscopy >Confocal Microscopy > Basic Concepts. Nikon Microscopy Web site, 2013.

Pendergrass W, Wolf N, Poot M. Efficacy of MitoTracker Green and CMXrosamine to measure changes in mitochondrial membrane potentials in

living cells and tissues. Cytometry. Part A : the journal of the International Society for Analytical Cytology, 2004; 61: 162-9.

Schapira AH JP. Etiology and pathogenesis of Parkinson's disease. Mov Disord, 2011; 26: 1049-55.

Schober A. Classic toxin-induced animal models of Parkinson's disease: 6-OHDA and MPTP. Cell Tissue Res, 2004; 318: 215-24.

Scorrano L, Petronilli V, Colonna R, Di Lisa F, Bernardi P. Chloromethyltetramethylrosamine (Mitotracker Orange) induces the mitochondrial permeability transition and inhibits respiratory complex I. Implications for the mechanism of cytochrome c release. The Journal of biological chemistry, 1999; 274: 24657-63.

World Health Organization W. Neurological disorders : public health challenges. In disorders N, editor. WHO Press: Geneva, Switzerland, 2006: 218.

Xie HR, Hu LS, Li GY. SH-SY5Y human neuroblastoma cell line: in vitro cell model of dopaminergic neurons in Parkinson's disease. Chinese medical journal, 2010; 123: 1086-92.

FIGURES

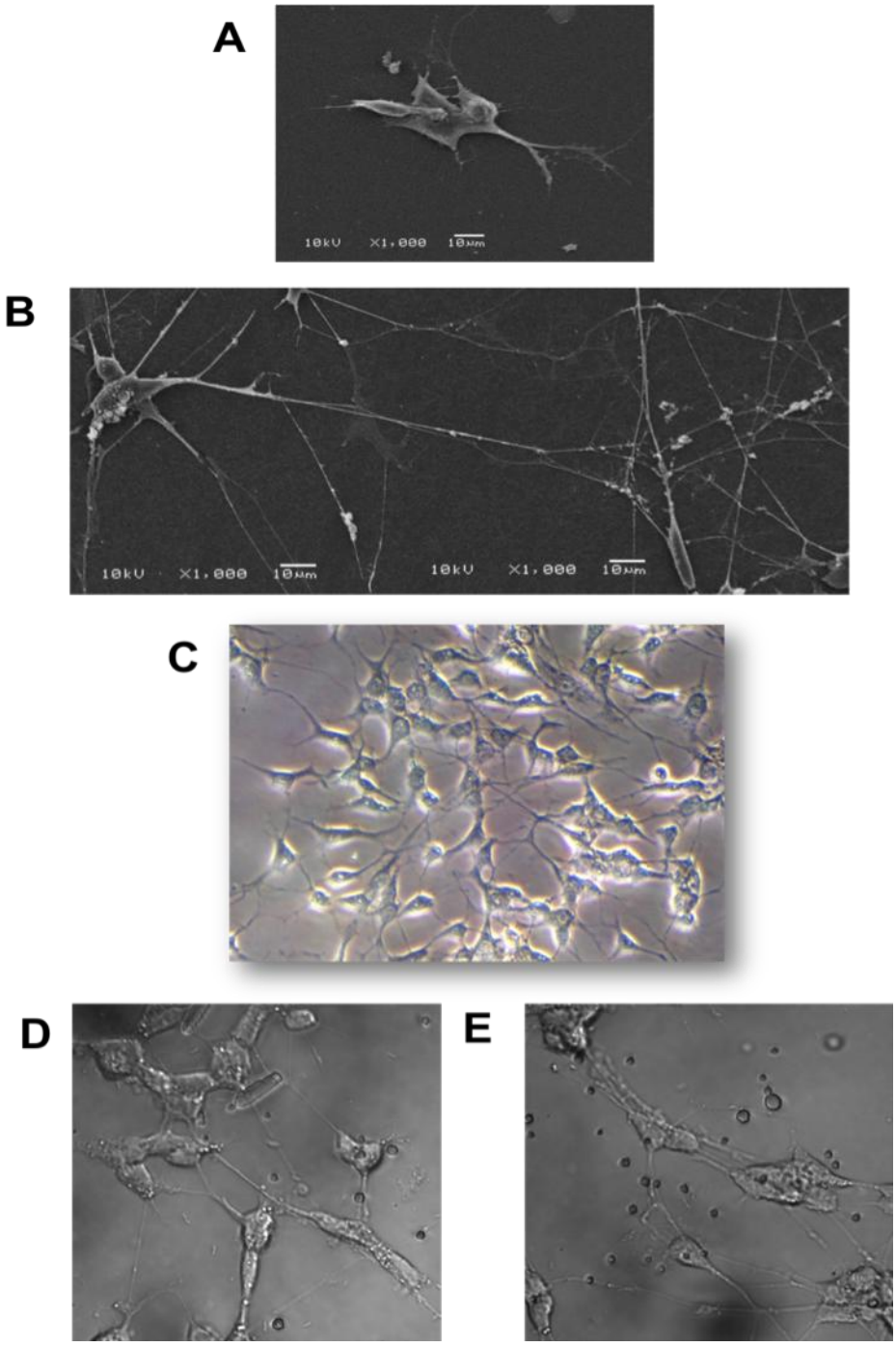
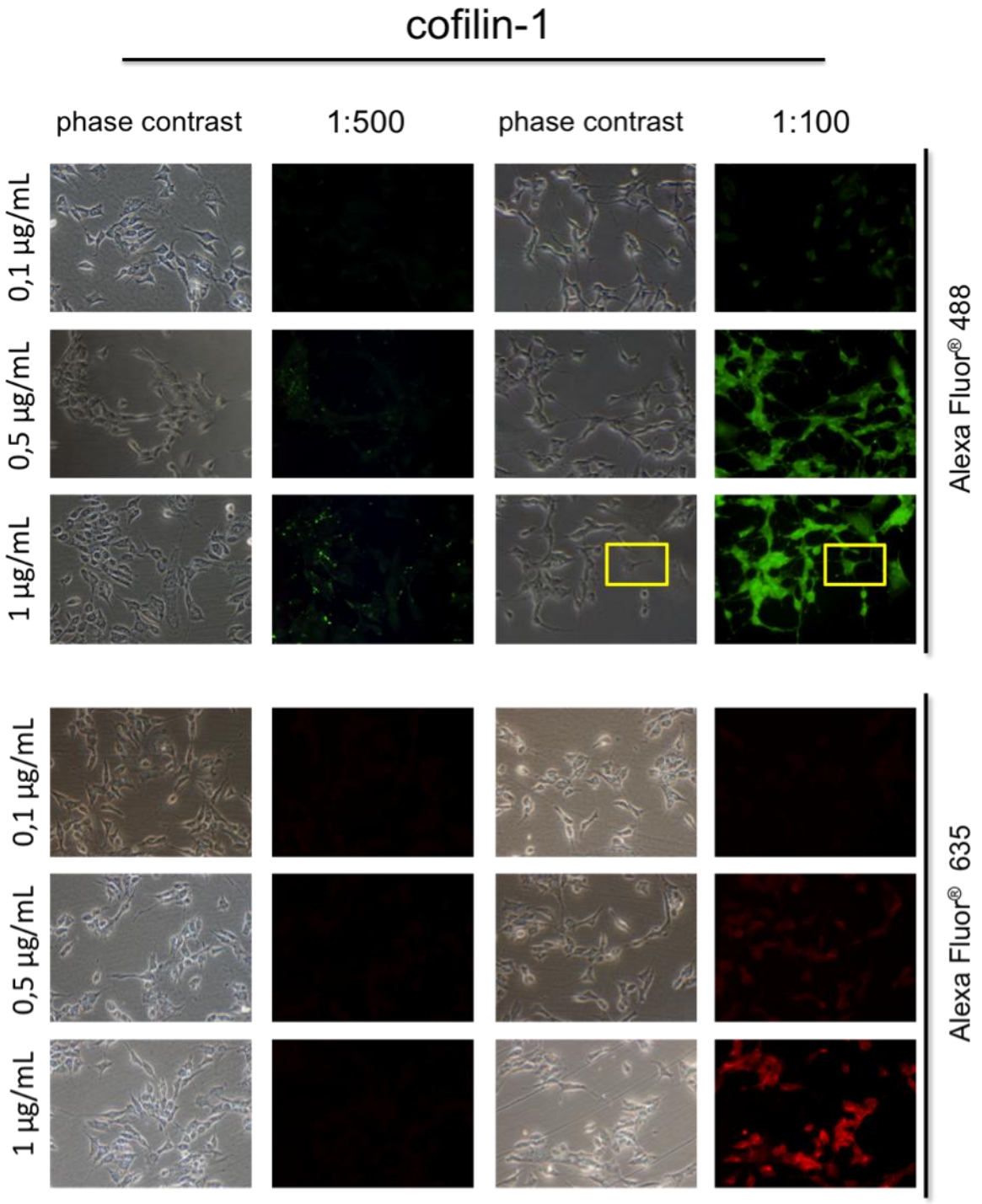


Figure 1. A) Scanning electron microscope (SEM) image of proliferative SH-SY5Y cells line showing short neurites. B) SEM image of differentiated SH-SY5Y cells line with long neurites. Magnification 1.000x. C) Phase contrast image of cells without fixation in culture plate. Magnification 200x. D) Proliferative SH-SY5Y cells line fixed by methanol:acetone (1:1 v/v). E) SH-SY5Y cells fixed by paraformaldehyde 4% (m/v). Confocal Microscope, magnification 400x.

A


cofilin-1
phase contrast
1:500
phase contrast
1:100
0,1 µg/mL
0,5 µg/mL
1 µg/mL
Alexa Fluor® 488
0,1 µg/mL
0,5 µg/mL
1 µg/mL
Alexa Fluor® 635

B

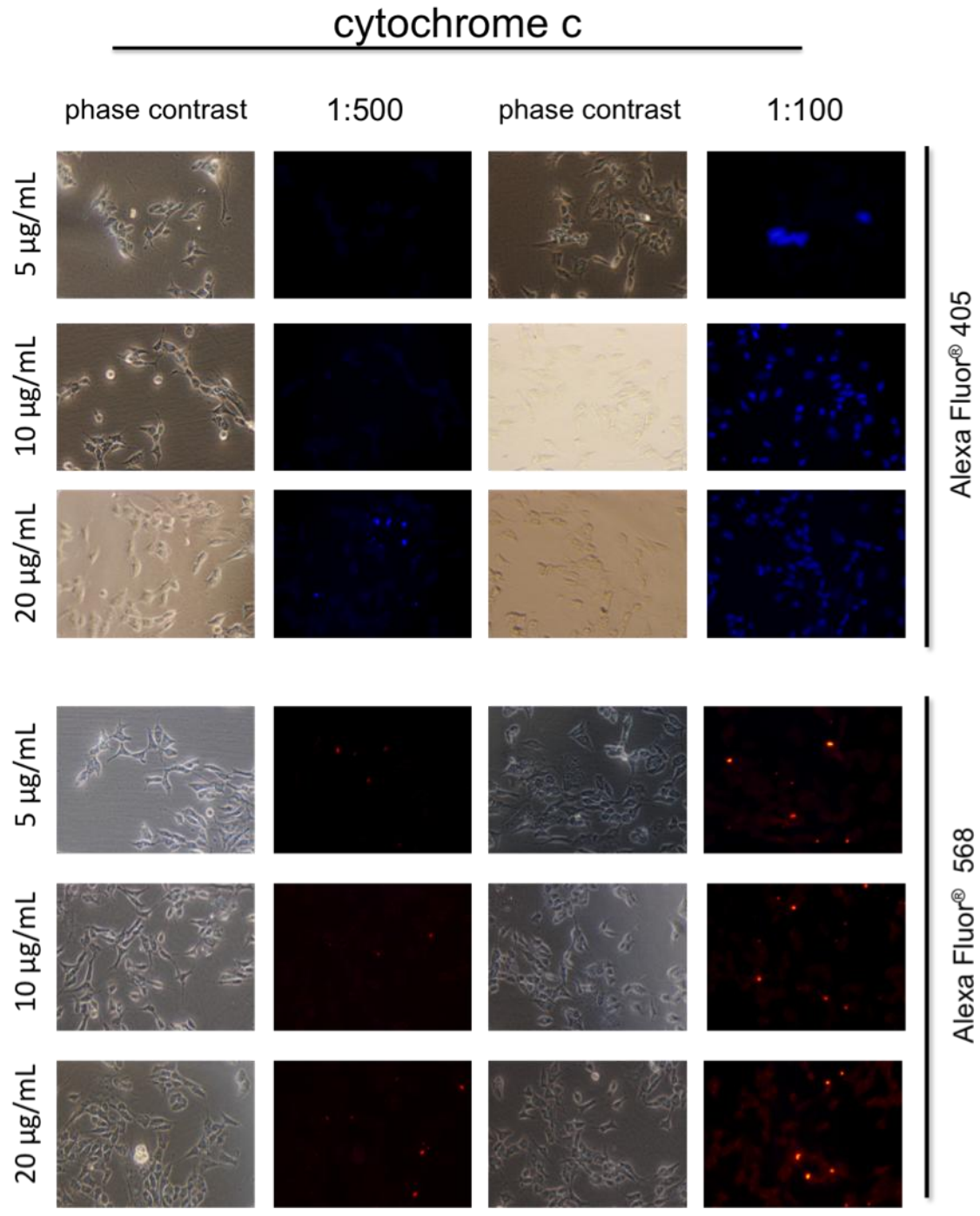
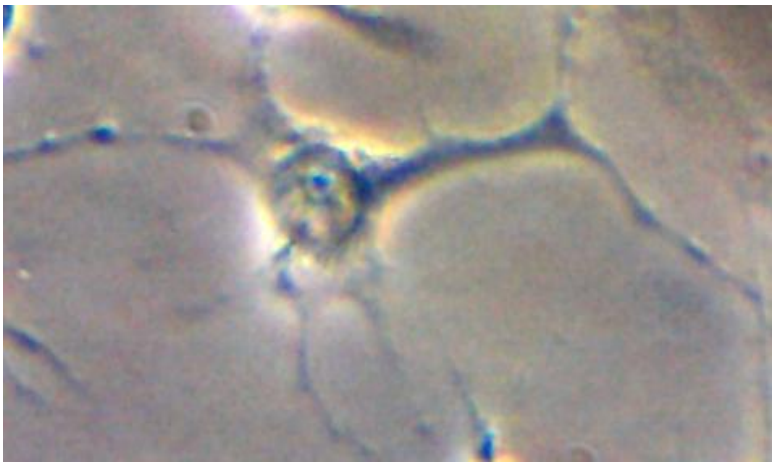


Figure 2A, 2B. Standardization antibodies panels show three concentration of primary antibody (rows) and two dilutions of secondary antibody (columns). Magnification 200x in conventional fluorescence microscope.

A



B

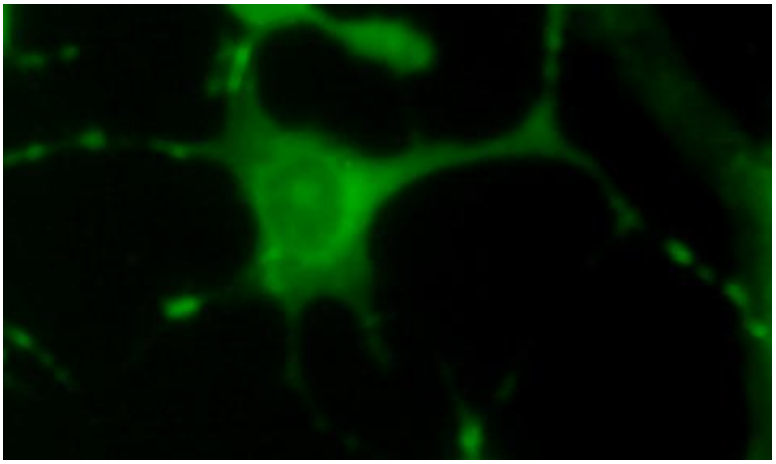


Figure 3A, 3B. Photomicrograph of differentiated SH-SY5Y cells line labeled with anti-cofilin-1 and anti-Alexa Fluor® 488, shows the presence of cofilina-1 all cytoplasm including neurites and nucleus (Magnification 200x).

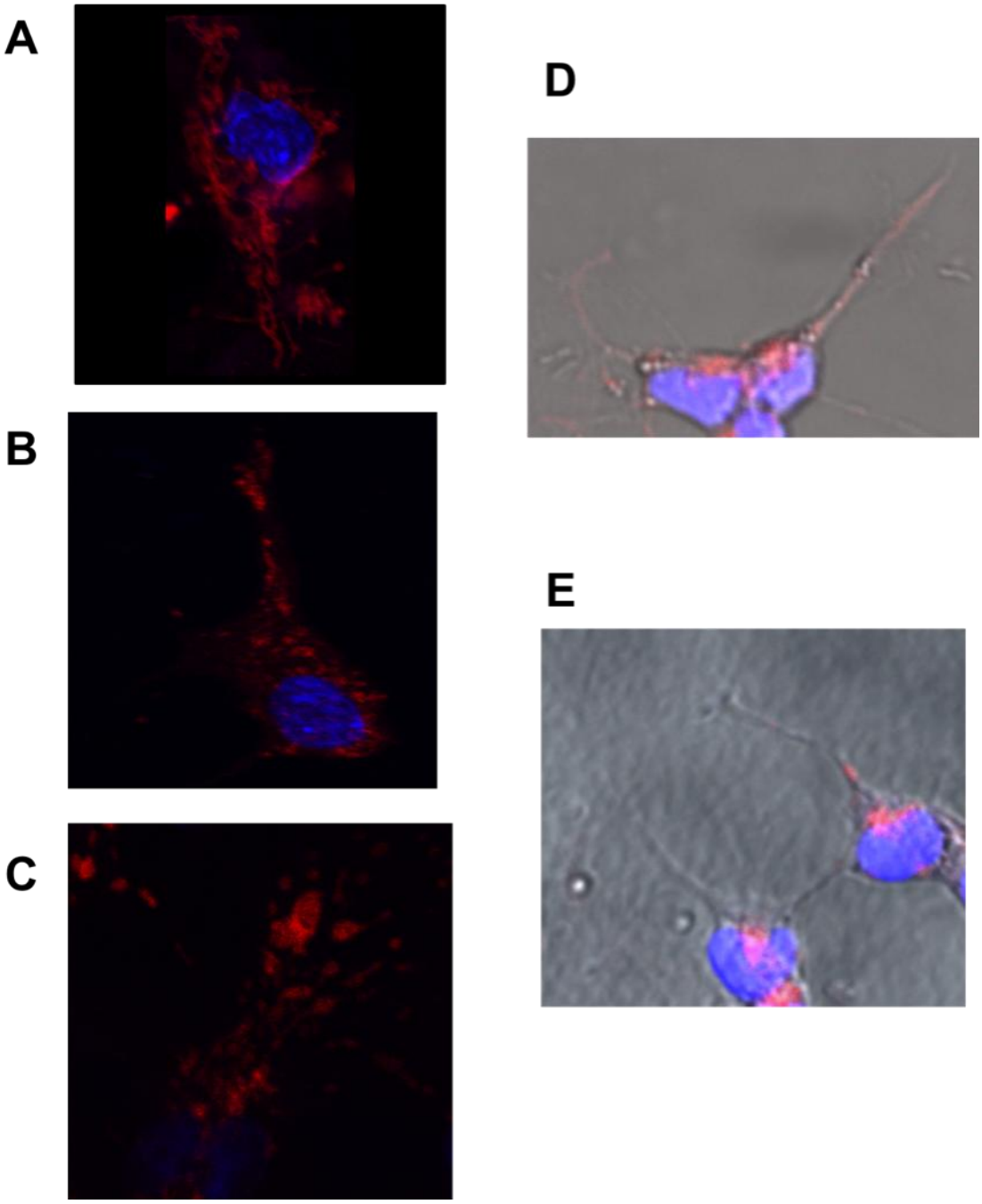


Figure 4. Differentiated SH-SY5Y cells line labeled with anti-cytochrome c, anti-Alexa Fluor® 568 and Hoechst® 33258. A) Cell without 6-OHDA treatment, shows a classical mitochondria network. B) SH-SY5Y cells treated with 6-OHDA for 3h, shows early mitochondrial disruption. C) Cells treated with 6-OHDA for 6h, exhibiting mitochondrial fragmentation (400x magnification). D) Differentiated SH-SY5Y without 6-OHDA treatment presents neurites labeled by cytochrome c indicating the presence of mitochondrias into the neurites. E) Differentiated SH-SY5Y treated with 6-OHDA for 6h shows neurites with loss of labeling of cytochrome c (Magnification 400x).

3 CONCLUSÕES E PESPECTIVAS

Um dos grandes desafios no estudo sobre os processos fisiopatológicos é compreender como ocorrem determinados acontecimentos celulares em diversas doenças. Várias doenças neurodegenerativas, incluindo a DP, tem como base fisiopatológica a disfunção mitocondrial, o estresse oxidativo e a agregação protéica. No entanto, os mecanismos moleculares que levam a estes processos ainda devem ser elucidados [20]. Contudo um dos maiores impeditivos são as próprias técnicas utilizadas para formular tais respostas, pois cada técnica possui suas limitações, condições não fisiológicas, reagentes, detergentes e outros que nos fornecem subsídios para formular respostas para questionamentos existentes, mas sempre levando em consideração as modificações exigidas para tal técnica. Para observar fenômenos celulares com o mínimo possível de interferência de técnica, a microscopia é uma das técnicas mais adequadas por ser descrita como menos invasiva, pois mantém a estrutura celular afim de que a célula seja observada tendo com interferentes os corantes e fluoróforos utilizados tal qual o momento em que foi fixada.

Apesar de citarmos a microscopia como uma técnica de pouca interferência metodológica, ainda devemos considerar o trabalhoso e longo processo ao qual as células são submetidas durante o protocolo de imunofluorêscencia. Este protocolo inclui inúmeras lavagens com tampões, detergentes que permeabilizam a membrana celular para permitir a passagem de outros reagentes, fixação - que estabiliza os componentes celulares, sejam eles proteicos, lipídicos e outros causando a morte da célula, morte esta que deve ser rápida para não induzir alterações experimentais. A utilização do equipamento também exige considerável atenção, pois conforme cada tipo de microscópio a amostra deve possuir uma determinada espessura máxima, estar sob certas superfícies, questões que nem sempre são fáceis de adaptar às necessidades da amostra biológica. Nem todo tipo celular possui as mesmas características. Vários tipos celulares são cultivados em suspensão, não aderindo à superfície, e

algumas células só aderem a certos subtratos após tratamento com resinas ou polímeros. Com tantas variáveis, este trabalho buscou relatar pontos a serem considerados ao escolher a microscopia, em especial a microscopia confocal, para que outros novos pesquisadores possam adaptar seus espécies a serem observados. Em consequência da falta de adaptação dos protocolos as amostras, podemos observar uma subutilização dos equipamentos disponíveis. Como descrevemos, a utilização da microscopia não está limitada a apenas a imunofluorescência, mas às diversas outras técnicas que utilizam o princípio de excitação e emissão de sinal por compostos fluorescentes. Assim, devemos explorar ainda mais os potencias destas técnicas.

A linhagem celular escolhida para este trabalho é extremamente sensível, então todos os cuidados foram tomados a fim de que suas estruturas fossem preservadas para que as avaliações pudessem ser atribuídas a efeitos bioquímicos e não a interferências metodológicas, e obtivemos sucesso. Forma testados alguns fixadores, como paraformaldeído e metanol:acetona, entretanto não encontramos diferenças entre estes fixadores. Os dois fixadores mantiveram bem a morfologia dos neuritos. Assim, o paraformaldeído foi escolhido como fixador no nosso protocolo porque está melhor descrito suas reações com outros compostos químicos, fato que deve ser observado. Ser o mais utilizado não significa ser o melhor reagente, mas utilizar um reagente amplamente conhecido facilita a busca e troca de informações.

Um dos objetivos deste trabalho, a avaliação do comportamento de cofilina-1 em resposta ao tratamento de 6-OHDA, infelizmente foi parcialmente alcançado. Ao que se refere à padronização do protocolo de marcação de cofilina-1, obtivemos êxito, pois as proteínas foram marcadas e apresentaram distribuição citoplasmática e nuclear conforme a literatura descreve. Contudo, mesmo com a padronização de cada etapa do protocolo, os artefatos de microscopia são frequentes nas preparações. Para a obtenção de boas imagens, devemos ter atenção com cada etapa da preparação, pois uma única etapa realizada com descuido pode colocar em risco todo o experimento, pois alguns erros cometidos no início do protocolo só são visualizados no final. Dessa forma, todos os passos desde a lavagem

correta das lâminas e lamínulas utilizadas, o correto plaqueamento das células, e controles de reagentes são fundamentais. Apesar de estarem disponíveis softwares de melhoramento de imagem, o cuidadoso preparo da amostra e a padronização de técnicas de aquisição de imagens sempre é o ideal. Ainda assim, a utilização de softwares de processamento de imagem é um recurso eficaz para a obtenção de informações que sem os mesmos seriam perdidas devido aos efeitos ópticos ou problemas no preparo da amostra [66]. Assim, um dos questionamentos feitos durante este trabalho acerca da mobilização de cofilina-1, tendo em vista que esta proteína é amplamente difundida na célula e está relacionada a diversas funções, refere-se a qual seria a quantidade mínima de cofilina-1 a ser mobilizada para a mitocôndria para que esta seja detectável? Por western blot, esta mobilização pode ser quantificada, entretanto devemos considerar a sensibilidade das quantificações feitas a partir de imagens obtidas por microscopia confocal para determinar esta mobilização. Dessa forma, são necessários mais testes para verificar qual a quantidade de sinal mínima é necessária para avaliar se a mobilização de cofilina-1 é quantificável.

MitoTracker® é um corante catiônico lipofílico, que torna-se fluorescente por reações de oxidação dentro da mitocôndria, onde ocorre ligação de seus grupamentos tióis em proteínas mitocondriais [67, 68], no entanto, quando em concentrações maiores o corante se torna inespecífico. Neste trabalho, a utilização deste reagente foi proposta como marcador mitocondrial, contudo, sua utilização foi impossibilitada, devido à ligação do corante a superfície de vidro e a marcação do núcleo, revelando problemas no reagente ou na forma como foi utilizado, podendo a fixação e a concentração utilizada não terem sido adequadas. Este é um corente bastante utilizado, sendo descrito em inúmeros trabalhos e se deve buscar padronizá-lo melhor na linhagem que utilizamos. Uma possível solução para este problema pode ser a utilização de poli-L-lisina para revestir a lamínula, mesmo quando as células não necessitem de poli-L-lisina para adesão, este reagente pode ajudar a bloquear a autofluorescência natural do vidro e impede que a presença de gorduras.

A mitocôndria, entre as organelas da célula animal, está caracterizada como uma das mais complexas. Tendo uma origem diferenciada das demais e sendo a única organela que possui DNA próprio, a mitocôndria exerce papel ímpar para a célula por estar envolvida com processos da respiração celular, apoptose e maior fonte de produção de espécies reativas. Neste trabalho, a dinâmica mitocondrial teve especial importância para a validação do protocolo como técnica com potencial de elucidar eventos bioquímicos.

Através da fragmentação mitocondrial, uma das consequências da formação de espécies reativas e uma das características da apoptose, há a fissão mitocondrial em que as mitocôndrias não estão mais conectadas umas às outras. Esse evento tem consequência relevante em células neuronais, pois cada neurônio contém centenas de mitocôndrias que formam estruturas semelhantes a um cabo ao longo de projeções neuronais, para ajudá-los a satisfazer as suas grandes demandas de energia, como foi possível visualizar na Figura 4D do artigo. Os neurônios necessitam de energia para o transporte de organelas e de carga ao longo de microtúbulos ou fibras de actina (moléculas motoras como dineínas, cinesinas e miosina para mediar este processo) e para manter os gradientes de íons e o potencial de membrana dependente Ca^{2+}, bombas Na^{+}/K^{+} e canais iônicos. Além disso, a liberação de vesícula com neurotransmissores nos terminais pré-sinápticos e a liberação de Ca^{2+} na fenda sináptica também são eventos dependentes de ATP [69], como é possível ver na Figura 4.

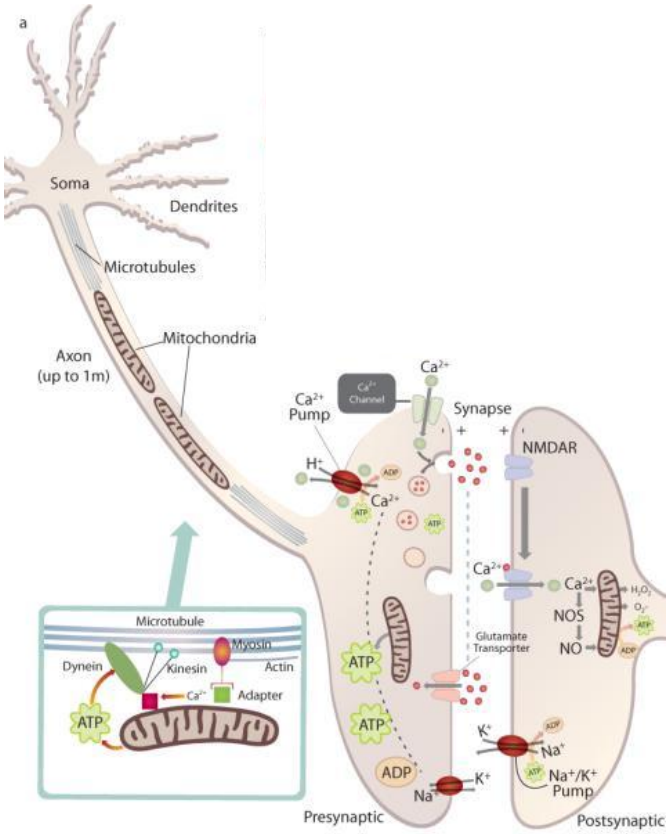


Figura 4: Representação da presença de mitocôndrias nos processos neuronais (Adaptado de Knott *et al*, 2008).

Assim, podemos concluir que a microscopia confocal possui diversas vantagens metodológicas que possibilitam avaliações citomorfológicas e bioquímicas da célula. Ainda, que a neurotoxina 6-OHDA induz fragmentação mitocondrial como descrito em processos de morte celular programada [29, 65] e que a cofilina-1 está amplamente difundida no citoplasma das células da linhagem SH-SY5Y diferenciada. Por fim, podemos reforçar as vantagens desta linhagem como modelo *in vitro* para estudos da Doença de Parkinson.

Este trabalho tem como perspectiva ampliar e potencializar o uso da microscopia de fluorescência, em especial, a microscopia confocal como ferramenta de estudo. Este trabalho deve ser continuado para que seja possível determinar por métodos de imagem a translocação de cofilina-1 para a mitocôndria na linhagem celular SH-SY5Y, corroborando com os dados da literatura. Este trabalho também deve servir de apoio técnico para

futuras avaliações através de microscopia para este tipo celular, não se limitando a imunofluorescência, mas tornando possível que métodos mais sofisticados, como a transfecção de proteínas repórteres e análises que visem à quantificação *in vitro* de eventos bioquímicos na célula viva sejam realizados.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Wong D. Y., S.D., *The interaction of cofilin with the actin filament.* J Mol Biol, 2011. **413**((1)): p. 97-105.
2. Alberts, B., et al., *Biologia Molecular da Célula*. 4ª ed. 2004, Porto Alegre: Artmed. 1584.
3. McGough A, P.B., Chiu W, Weeds A., *Cofilin Changes the Twist of F-Actin: Implications for Actin Filament Dynamics and Cellular Function.* J Cell Biol., 1997. **138**(4): p. 771-81.
4. Mizuno, K., *Signaling mechanisms and functional roles of cofilin phosphorylation and dephosphorylation.* Cell Signal, 2013. **25**(2): p. 457-69.
5. Friederike Jönsson, et al., *Immunological responses and actin dynamics in macrophages are controlled by N-cofilin but are independent from ADF*. PLoS One, 2012. **7**(4): p. e36034.
6. Klamt, F., et al., *Oxidant-induced apoptosis is mediated by oxidation of the actin-regulatory protein cofilin.* Nat Cell Biol, 2009. **11**(10): p. 1241-6.
7. Klamt, F. and E. Shacter, *Taurine chloramine, an oxidant derived from neutrophils, induces apoptosis in human B lymphoma cells through mitochondrial damage.* J Biol Chem, 2005. **280**(22): p. 21346-52.
8. Rehklau K, G.C., Conrad M, Friauf E, Ott M, Rust MB., *ADF/cofilin proteins translocate to mitochondria during apoptosis but are not generally required for cell death signaling.* Cell Death Differ, 2012. **19**(6): p. 958-67.
9. Posadas I, P.-M.F., Guerra J, Sánchez-Verdú P, Ceña V., *Cofilin activation mediates Bax translocation to mitochondria during excitotoxic neuronal death.* J Neurochem, 2012. **120**(4): p. 515-27.
10. Li, G.B., et al., *Mitochondrial translocation of cofilin is required for allyl isothiocyanate-mediated cell death via ROCK1/PTEN/PI3K signaling pathway*. Cell Commun Signal, 2013. **11**(1): p. 50.
11. Abul K. Abbas, Nelson Fausto, and V. Kumar, *Robbins & Cotran - Patologia - Bases Patológicas das Doenças*. 8ª ed. 2010, Amsterdam: Elsevier. 1480.
12. Ross, M.H. and W. Pawlina, *Histologia: Texto e atlas. Em correlação com a biologia celular e molecular*. 5ª ed. 2008, Rio de Janeiro: Guanabara Hoogan. 908.
13. Tang H.L., et al., *Cell survival, DNA damage, and oncogenic transformation after a transient and reversible apoptotic response.* Mol Biol Cell, 2012. **23**(12): p. 2240-52.
14. Blondin, G.A. and D.E. Green, *The Mechanism of Mitochondrial Swelling.* Proc Natl Acad Sci USA, 1967. **58**(2): p. 612–619.
15. World Health Organization, W., *Neurological disorders : public health challenges*, N. disorders, Editor. 2006, WHO Press: Geneva, Switzerland. p. 218.
16. Marsden, C.D., *Movement disorders*, in *Oxford textbook of medicine*, L.J. Weatherall DJ and W. DA, Editors. 1996, Oxford University Press Inc: New York. p. 3998–4022.
17. Morais Va Fau - De Strooper, B. and B. De Strooper, *Mitochondria dysfunction and neurodegenerative disorders: cause or consequence.* J Alzheimers Dis, 2010. **20**(Suppl 2): p. S255-63.
18. Schapira, A.H., *Etiology and pathogenesis of Parkinson disease.* 2009 (1557-9875 (Electronic)).

19. Schapira AH, J.P., *Etiology and pathogenesis of Parkinson's disease.* Mov Disord, 2011. **26**(6): p. 1049-55.
20. Henchcliffe C, B.M., *Mitochondrial biology and oxidative stress in Parkinson disease pathogenesis.* Nat Clin Pract Neurol, 2008. **4**(11): p. 600-9.
21. W D Parker, J. and R.H. Swerdlow, *Mitochondrial dysfunction in idiopathic Parkinson disease.* Am J Hum Genet, 1998 **62**(4): p. 758–762.
22. Yokota T, S.K., Ito K, Takahashi R, Ariga H, Mizusawa H, *Down regulation of DJ-1 enhances cell death by oxidative stress, ER stress, and proteasome inhibition.* Biochem Biophys Res Commun, 2003. **312**(4): p. 1342-8.
23. Taira T, S.Y., Niki T, Iguchi-Ariga SM, Takahashi K, Ariga H., *DJ-1 has a role in antioxidative stress to prevent cell death.* EMBO Rep, 2004. **5**(2): p. 213-8.
24. Betarbet R., et al., *Intersecting pathways to neurodegeneration in Parkinson's disease: effects of the pesticide rotenone on DJ-1, alpha-synuclein, and the ubiquitin-proteasome system.* Neurobiol Dis, 2006. **22**(404-20).
25. de Rijk M.C., et al., *Prevalence of Parkinson's disease in the elderly: the Rotterdam Study.* Neurology, 1995. **45**(2): p. 2143-6.
26. Biedler J.L., et al., *Multiple neurotransmitter synthesis by human neuroblastoma cell lines and clones.* Cancer Res, 1978. **38**(1 Pt1): p. 3751-7.
27. Påhlman S., et al., *Retinoic acid-induced differentiation of cultured human neuroblastoma cells: a comparison with phorbolester-induced differentiation.* Cell Differ, 1984. **14**(2): p. 135-44.
28. Edsjö A., Holmquist L., and P. S., *Neuroblastoma as an experimental model for neuronal differentiation and hypoxia-induced tumor cell dedifferentiation.* Semin Cancer Biol, 2007. **17**(3): p. 248-56.
29. Lopes F.M., et al., *Comparison between proliferative and neuron-like SH-SY5Y cells as an in vitro model for Parkinson disease studies.* Brain Res, 2010. **1337**: p. 85-94.
30. Reichman N, P.C., Murphy MP., *Cyclosporin A blocks 6-hydroxydopamine-induced efflux of Ca2+ from mitochondria without inactivating the mitochondrial inner-membrane pore.* Biochem J, 1994. **297**(Pt 1): p. 151-5.
31. Bové J and Perier C, *Neurotoxin-based models of Parkinson's disease.* Neuroscience., 2012. **211**: p. 51-76.
32. Beal, M.F., *Experimental models of Parkinson's disease.* Nat Rev Neurosci, 2001. **2**(5): p. 325-34.
33. Bové J, P.D., Perier C, Przedborski S., *Toxin-induced models of Parkinson's disease.* NeuroRx, 2005. **2**(3): p. 484-94.
34. Schober, A., *Classic toxin-induced animal models of Parkinson's disease: 6-OHDA and MPTP.* Cell Tissue Res, 2004. **318**(1): p. 215-24.
35. Blum D, T.S., Lambeng N, Nissou M, Benabid AL, Sadoul R, Verna JM., *Molecular pathways involved in the neurotoxicity of 6-OHDA, dopamine and MPTP: contribution to the apoptotic theory in Parkinson's disease.* Prog Neurobiol, 2001. **65**(2): p. 135–172.
36. Lee CS, P.W., Ko HH, Han ES., *Differential involvement of mitochondrial permeability transition in cytotoxicity of 1-methyl-4-phenylpyridinium and 6-hydroxydopamine.* Mol Cell Biochem, 2006. **289**(1-2): p. 193-200.
37. Tiffany-Castiglioni, E. and J.R. Perez-Polo, *Evaluation of methods for determining 6-hydroxydopamine cytotoxicity.* In Vitro, 1980. **16**(7): p. 591-9.

38. Laboratory, N.H.M.F. *Molecular Expressions - Optical Microscopy Primer Museum of Microscopy*. 2002 [cited 2013 Junho].
39. Bardell, D., *The Biologists' Forum: The invention of the microscope.* BIOS, 2004. **75**(2): p. 78-84.
40. Karling, J.S., *Schleiden's Contribution to the Cell Theory.* The American Naturalist,, 1939. **73**: p. 22.
41. Köhler, A., *Ein neues Beleuchtungsverfahren für mikrophotographische Zwecke.* Zeitschrift für wissenschaftliche Mikroskopie und für Mikroskopische Technik, 1893. **10**(4): p. 433-440.
42. Davidson, M.W. *Nikon Microscopy > Microscopy Basics > Resolution*. 2013 [cited 2013 July]; Available from: http://www.microscopyu.com/articles/confocal/index.html.
43. Avwioro, G., *Histochemical Uses of Haematoxylin - A Review.* Journal of Pharmacy and clinical Sciences, 2011. **1**(1): p. 24-34.
44. Coons, A.H., et al., *The Demonstration of Pneumococcal Antigen in Tissues.* J Immunol, 1942. **45**: p. 159-170.
45. Coons, A.H. and M.H. Kaplan, *Localization of antigen in tissue cells; improvements in a method for the detection of antigen by means of fluorescent antibody.* J Exp Med, 1950. **91**(1): p. 1-13.
46. Minsky, M., *Memoir on inventing the confocal scanning microscope.* Scanning, 1988. **10**(4): p. 128-138.
47. Semwogerere, D. and E.R. Weeks, *Confocal Microscopy*, in *Encyclopedia of Biomaterials and Biomedical Engineering*, G.E. Wnek and G.L. Bowlin, Editors. 2008. p. 705-714.
48. Paddock S.W., Fellers T. J., and D.M. W. *Nikon Microscopy >Confocal Microscopy > Basic Concepts*. 2013 [cited 2013 July]; Available from: http://www.microscopyu.com/articles/confocal/confocalintrobasics.html.
49. Amos, W.B. and J.G. White, *How the Confocal Laser Scanning Microscope entered Biological Research.* Biology of the Cell, 2003. **95**(6): p. 335-342.
50. Murray, J.M., et al., *Evaluating performance in three-dimensional fluorescence microscopy.* Journal of Microscopy, 2007. **228**(3): p. 390-405.
51. Wang, E., C.M. Babbey, and K.W. Dunn, *Performance comparison between the high-speed Yokogawa spinning disc confocal system and single-point scanning confocal systems.* Journal of Microscopy, 2005. **218**(2): p. 148-159.
52. Conchello, J.-A. and J.W. Lichtman, *Optical sectioning microscopy.* Nature Methods 2005. **2**: p. 920 - 931.
53. Schneider, C.A., W.S. Rasband, and K.W. Eliceiri, *NIH Image to ImageJ: 25 years of image analysis.* Nature Methods, 2012. **9**: p. 671–675.
54. Ellenberg, R.P.J., *High-throughput fluorescence microscopy for systems biology.* Nat Rev Mol Cell Biol, 2006. **7**(9): p. 690-696.
55. Matsumoto, B., *Methods in Cell Biology - Cell Biological Applications of Confocal Microscopy*. 2 ed. Vol. 70. 2002, San Diego, California. EUA.: Academic Press - Elsevier Science.
56. Prasher Dc Fau - Eckenrode, V.K., et al., *Primary structure of the Aequorea victoria green-fluorescent protein.* Gene, 1992. **111**(2): p. 229-33.
57. Ye, P., et al., *Compressive confocal microscopy: 3D reconstruction algorithms.* 2009: p. 72100G-72100G.
58. Wu J Fau - Rajwa, B., et al., *Automated quantification and reconstruction of collagen matrix from 3D confocal datasets.* J Microsc, 2003. **210**(Pt 2): p. 158-65.

59. Jares-Erijman, E.A. and T.M. Jovin, *FRET imaging.* Nat Biotechnol, 2003. **21**(11): p. 1387-95.
60. Vikstrom, K.L., et al., *Steady state dynamics of intermediate filament networks.* The Journal of Cell Biology, 1992. **118**(1): p. 121-129.
61. Inc, O.A. *Microscopy Resource Center > Fluorescence Photobleaching Investigations*. 2012 [cited 2013 July].
62. Fau, C.T., M. Cremer, and M. Cremer, *Chromosome territories.* Cold Spring Harb Perspect Biol, 2010. **2**(3): p. a003889.
63. Cremer, T. and C. Cremer, *Chromosome territories, nuclear architecture and gene regulation in mammalian cells.* Nature Reviews Genetics, 2001. **2**(4): p. 292-301.
64. Perier C, B.J., Vila M, *Mitochondria and Programmed Cell Death in Parkinson's Disease: Apoptosis and Beyond.* Antioxid Redox Signal., 2012. **16**(9): p. 883-95.
65. Lopes F.M., et al., *Evaluation of the Neurotoxic/Neuroprotective Role of Organoselenides Using Differentiated Human Neuroblastoma SH-SY5Y Cell Line Challenged with 6-Hydroxydopamine.* Neurotox Res, 2012. **22**(2): p. 138-49.
66. Biehl, H.B. and F.T.C.R. Guma, *Implantação de técnicas para avaliação da dinâmica mitocondrial por microscopia confocal no Centro de Microscopia Eletrônica da UFRGS*. 2012, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 27.
67. Pendergrass, W., N. Wolf, and M. Poot, *Efficacy of MitoTracker Green and CMXrosamine to measure changes in mitochondrial membrane potentials in living cells and tissues.* Cytometry A, 2004. **61**(2): p. 162-9.
68. Technologies, L. *MitoTracker® Orange CM-H2TMRos*. 2013 [cited 2013 July]; Available from: https://www.lifetechnologies.com/order/catalog/product/M7511?ICID=search-product.
69. Knott, A.B., et al., *Mitochondrial fragmentation in neurodegeneration.* Nat Rev Neurosci, 2008. **9**(7): p. 505-18.

5 ANEXOS

5.1 Protocolo Desenvolvido

Protocolo de Imunofluorescência para Microscopia Confocal:

Etapas pré-protocolo de imunofluorescência

Preparo das lâminas e lamínulas

- Mergulhar as lamínulas circulares de vidro, 15mm ou 18mm, em água e detergente, e aquecer até ferver (no micro-ondas).
- Enxaguar com água corrente até sair totalmente o detergente.
- Mergulhar no álcool 70% e deixar overnight.
- Colocar as lamínulas para secar em estufa utilizando uma pinça. Não utilize nenhum tipo de papel para realizar a secagem.
- Deixar em luz UV por no mínimo 30min.
- Colocar na placa de 12 poços ou 24 poços.

Plaqueamento das células

- Tripsinizar as células SH-SY5Y em estado proliferativo e semear 22.500 cél/cm² para lamínulas de 15mm ou 40.000 cél/cm² para lamínulas de 18mm. (Quantidade referente a 10% menos que o descrito para manutenção do cultivo).
- Pipetar a suspensão de células em meio DEMEM/F12 + 10% Soro Feral Bovino (SFB) + 1% de antibiótico sobre área da lamínula, de forma que não extravaze para fora da área do vidro.
- Deixar por aproximadamente 1h em estufa a 37°C e 5% de CO_2.
- Completar com a quantidade necessária de meio para manutenção do cultivo na placa (para placa de 12 poços, 1 mL, para placa de 24 poços, 500µL).
- Deixar overnight na estufa 37°C e 5% de CO_2.

Protocolo de diferenciação celular

- Após adesão das células, o meio deve ser substituído por meio DMEM/F12 contendo 1% SFB e 1% antibiótico e adicionado 10µM de Ácido Retinóico.
- A substituição do meio deve ser feita a cada 3 dias, durante uma semana. Após este período as células devem apresentar morfologia estrelada e não haver células em divisão celular e poucas células em apoptose.

Tratamento com neurotoxina 6-hidroxidopamina

- Preparar Falcon com 10 mL de 1% de ácido ascórbico e diluir 0,01g de 6-hidroxidopamina (sigma) Concentração da solução será de 400µM de 6-OHDA.

- Dilua em meio DMEM/F12 +1% SFB e 1% antibiótico a quantidade necessária para obter uma concentração final de 15µM de 6-OHDA.
- Deixar a placa em estufa a 37°C e 5% de CO2 o tempo estabelecido para estudo.

Etapas do Protocolo de imunofluorescência

- Tirar meio das células
- Lavar as células 3x com Tampão Fosfato Salino (PBS) sem Phenol red.
- OBS: Todas as soluções até a etapa de fixação devem estar à 37°C.

Marcação com Mitotracker® Orange e Hoechst® 33258

- Adicionar da solução de estoque de Hoechst (5mg/mL) em PBS – Concentração final de uso: **1µg/mL**
- Adicionar da solução de estoque de Mitotracker (1mM em DMSO) em PBS – Concentração final de uso: **400nM**
- Deixar incubar por 30min a 37°C
- Lavar com PBS 1x.

Fixação Paraformaldeído

- Pré-fixar utilizando Paraformaldeído 4**%** em PBS (1:1 v/v) por 20min em temperatura ambiente. (concentração final de Paraformaldeído será de 2%)
- Desprezar fixadores.
- Fixar com Paraformaldeído **4%**, por 30min a temperatura ambiente.
- Lavar com PBS 3x deixando em agitação por 5min.

Permeabilização e Bloqueio

- Lavar 2x com PBS + 0,2 %Triton x-110, deixando em agitação por 5min.
- Lavar 2x com PBS + 0,2 %Triton x-110 + 1% BSA em agitação por 5min.
- Encubar por 1h com PBS + 1% BSA, 1mL, deixando sob agitação por 5min a 4°C.

Incubação Anticorpo Primário

- Diluir anticorpo primário em PBS + 1% BSA.
  - Citocromo C: **10µg** (estoque: 500µg/mL)
  - Cofilina: **0,5µg** (estoque: 500µg/mL)
- Colocar o anticorpo primário e deixar em câmera úmida, overnight a 4°C.
- Deixar a placa durante 30min à temperatura ambiente.
- Lavar as células 2x PBS + 0,2 % Triton X-110.
- Lavar as células 2x com PBS por 5min em agitação.

Incubação Anticorpo Secundário

- Diluir anticorpo secundário em PBS (1:250 v/v) em um eppendorf e distribuir nos poços segundo a combinação de origem dos anticorpos.
    - Alexa Fluor 488(Verde) – rabbit → cofilina
    - Alexa Fluor 568 (Vermelho) – mouse → citocromo c

- Encubar 1h a 4°C em agitação
- Lavar 2x com PBS + 0,2 %Triton x-110 em agitação por 5min.
- Lavar com PBS 2x deixando em agitação por 5min.

Selagem da Lamínula

- Sob uma lâmina limpa, pingue uma gota do meio de montagem Fluoromont.
- Retire do poço a lamínula, com cuidado e coloque-a sobre a gota de forma que o lado que as células fiquem entre o meio de montagem e a lâmina. Evite a formação de bolhas entre a lâmina e a lamínula.
- Seque o excesso de meio de montagem com auxilio de um papel ou espontaneamente s por aproximadamente 15 min.
- Sele a lamínula com esmalte, preenchendo toda a borda da lamínula. Não passe esmalte por cima da lamínula, apenas nas bordas.
- Deixe secar completamente.
- As lâminas estão prontas para serem observadas.

5.2 Normas para apresentação oral e escrita do trabalho experimental do estágio em pesquisa e monografia.

1. O trabalho experimental do aluno, realizado obrigatoriamente durante a atividade Estágio em Pesquisa, deverá ser apresentado na forma escrita e oral ao final dos seis meses da atividade.

2. Aquele aluno que optar por realizar o Estágio Curricular Supervisionado em Biomedicina em atividade de pesquisa, sob a orientação do mesmo Professor/Pesquisador e na mesma linha de pesquisa do Estágio em Pesquisa e Monografia, poderá apresentar o seu trabalho ao final dos seis meses deste segundo estágio (neste caso o aluno, por não ter realizado o estágio supervisionado, recebe apenas a habilitação conferida pelo estágio de pesquisa).

Do trabalho escrito:

1. O trabalho escrito deverá ser organizado como proposto a seguir.

a. Folha de rosto com título, nome do aluno, nome do orientador, nome do coorientador quando existente, curso e ano.

b. Agradecimentos e dedicatória (quando existentes).

c. Índice geral.

d. Resumo.

e. Introdução compreensiva.

f. Trabalho experimental na forma de artigo científico, seguindo a formatação exigida pelo periódico onde seria submetido, ainda que os resultados obtidos sejam apenas preliminares.

g. Conclusões e Perspectivas.

h. Bibliografia adicional que não esteja presente no artigo científico.

i. Anexos (quando existirem).

2. O aluno poderá optar por escrever o artigo científico, referido no item (f) acima, na língua inglesa.

3. O trabalho deverá ser impresso em folha A4, com tipo de letra tamanho 12, considerando como página 'um' a folha de rosto e respeitando as seguintes margens:

a. Margem esquerda: 4,0 cm (quando no formato final para fins de encadernamento);
b. Margem direita: 2,5 cm;
c. Margem superior: 2,5 cm;
d. Margem inferior: 2,5 cm.

4. O aluno deverá entregar uma cópia impressa do trabalho escrito para cada membro da Banca Examinadora pelo menos 15 dias antes da apresentação oral. Junto a esta cópia deve ser entregue uma cópia das orientações da COMGRAD-BIM aos examinadores das bancas de TCC.

5. Antes da apresentação o aluno deverá informar à Comissão de Graduação os dados da monografia (título, resumo), nomes dos membros da banca e de co-orientador e a titulação destes profissionais para fins de confecção dos certificados.

6. O aluno deverá entregar à Comissão de Graduação uma cópia impressa e uma na forma eletrônica, em CD, do trabalho escrito, após terem sido efetuadas as correções solicitadas pela Banca Examinadora.

Da apresentação oral:

1. O aluno deverá apresentar oralmente o seu trabalho no dia e horário determinados pela Comissão de Graduação para este fim.
2. Será alocado a cada aluno 20 minutos para a apresentação oral e 10 minutos adicionais para arguição dos membros da Banca Examinadora.

Da Banca Examinadora:

1. A Banca Examinadora será constituída de dois professores, pesquisadores ou doutorandos indicados pelo orientador do aluno.
2. Não será exigida presença obrigatória dos integrantes da Banca Examinadora no dia da apresentação oral, mas a participação destes é estimulada.

Do conceito final:

1. O conceito final do aluno será calculado a partir dos conceitos emitidos pelos integrantes da Banca Examinadora e do orientador do aluno.
2. O orientador também deverá emitir um conceito pelo Estágio de Pesquisa.

5.3 Formatação da revista científica – Journal of Neuroscience Methods

Sample Issue

Journal of Neuroscience Methods

The Journal of Neuroscience Methods publishes papers that describe new methods for neuroscience research conducted in invertebrates or vertebrate model species, or in man. Major methodological improvements or important refinements of established neuroscience methods are also considered for publication. The Journal's Scope includes all aspects of contemporary neuroscience research, including anatomical, behavioural, biochemical, cellular, computational, molecular, invasive and non-invasive imaging, optogenetics, physiological, system and clinical research investigations. The Journal no longer publishes papers that deal exclusively with muscle function, evoked muscle activity, kinematics and eye research. Clinical trials are not considered for publication.

The journal publishes full-length research papers, short communications and critical reviews; articles should be written in sufficient detail to allow others to verify the above methods, however they should also be intelligible to a broad scientific audience. Articles should be submitted to one of the two co-Editors-in-Chief, in accordance with the country of the submitting author. Submission of a paper to the *Journal of Neuroscience Methods* implies that it is not being submitted for publication elsewhere.

The Editors-in Chief and the Publisher inform our readership that from 1st October 2011 the *Journal of Neuroscience Methods* will no longer accept manuscripts describing methods and techniques relating exclusively to either eye, retina, muscle function, limb kinematics and EMG. We will still consider for publication manuscripts dealing with techniques related to any of the above mentioned subjects when in strong combination with methods related to the peripheral and central nervous system.

Hide full aims and scope

Editor-in-Chief: Vincenzo Crunelli
View full editorial board

Guide for Authors
Submit Your Paper
Track Your Paper
Order Journal
View Articles

Impact Factor: 2.114

5-Year Impact Factor: 2.484

Imprint: ELSEVIER

ISSN: 0165-0270

Related Publications

Brain Research

Neuroscience

Stay up-to-date

Register your interests and receive email alerts tailored to your needs

Click here to sign up

Review Articles

Computational techniques in zebrafish image processing and analysis
Shunren Xia | Yongxu Zhu | ...

Advantages and limitations of brain imaging methods in the research of absence epilepsy in humans and animal models
Dmitry N. Lenkov | Anna B. Volnova | ...

Connectivity measures applied to human brain electrophysiological data
R.E. Greenblatt | M.E. Pflieger | ...

VIEW ALL

Policies and Guidelines

Most Downloaded Articles

1. **Using miniature sensor coils for simultaneous measurement of orientation and position of small, fast-moving animals**
C. Schilstra | J.H. van Hateren

2. **EEGLAB: an open source toolbox for analysis of single-trial EEG dynamics including independent component analysis**
Arnaud Delorme | Scott Makeig

3. **A method for closed-loop presentation of sensory stimuli conditional on the internal brain-state of awake animals**
Ueli Rutishauser | Andreas Kotowicz | ...

VIEW ALL

News

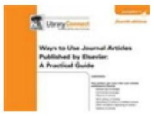
2012 Impact Factors in Neuroscience

On Demand Webinar: Simplifying difficult life

Follow us

Subscribe to RSS

Latest News



Ways to Use Journal Articles Published by Elsevier: A Practical Guide

Publishing Connect – Training Webcasts

Charting a Course for a Successful Research Career

VIEW ALL

Most Cited Articles

Toward enhanced P300 speller performance
Krusienski, D.J. | Sellers, E.W. | ...

An efficient P300-based brain-computer interface for disabled subjects
Hoffmann, U. | Vesin, J.-M. | ...

The pilocarpine model of temporal lobe epilepsy
Curia, G. | Longo, D. | ...

VIEW ALL

Recent Articles

3D reconstruction of 2D fluorescence histology images and registration with in vivo MR images: Application in a rodent stroke model
Maik Stille | Edward J. Smith | ...

In vitro and in vivo testing of a novel recessed-step catheter for reflux-free convection-enhanced drug delivery to the brain
T. Gill | N.U. Barua | ...

High-throughput optogenetic functional magnetic resonance imaging with parallel computations
Zhongnan Fang | Jin Hyung Lee

VIEW ALL

science analyses with UHPLC electrochemical detection

Open Access Articles

VIEW ALL

Conferences

BioDynamics 2013

Society for Neuroscience

Miami 2014 Winter Symposium: The Molecular Basis of Brain Disorders

VIEW ALL

Special Issues

Special Issue on Computational Neuroscience
Volume 210, Issue 1 (2012)

Special Issue on the 13th International Conference on In Vivo Methods
Volume 202, Issue 2 (2011)

Proceedings of the Workshop "Neuroanatomical Tracing and Systems Neuroscience: The State of the Art"
Volume 194, Issue 1 (2010)

VIEW ALL

Guide for Authors

Author information pack

INTRODUCTION

The journal publishes full-length research papers, short communications and critical reviews; articles should be written in sufficient detail to allow others to verify the above methods, however they should also be intelligible to a broad scientific audience. Articles should be submitted to one of the two co-Editors-in-Chief, in accordance with the country of the submitting author. Submission of a paper to the *Journal of Neuroscience Methods* implies that it is not being submitted for publication elsewhere.

Article types

Journal of Neuroscience Methods publishes papers dealing with new methods or significant developments of recognised methods, used to investigate the organisation and fine structure, biochemistry, molecular biology, histo and cytochemistry, physiology, biophysics and pharmacology of receptors, neurones, synapses, and glial cells; in the nervous system of man, vertebrates and invertebrates - or applicable to the clinical and behavioural sciences, tissue culture, neurocommunications, biocybernetics or computer software.

a) Research Articles are considered for publication provided that they describe new methods or significant developments of recognized methods.

b) Short Communications are short research articles for preliminary accounts of work and significant case reports. They must contain original experimental results and should be complete in all respects.

c) Review Articles are exhaustive reviews on a specific topic. Authors should always endeavor to make their reviews understandable to neuroscientists of other disciplines.

d) Mini- Review articles are shorter reviews intended either to draw attention to developments in a specific field or burgeoning field.

e) Commentaries - The Journal publishes 1-2 page critical Commentaries on published articles. The goal of the commentary format is to advance the field by providing a forum for varying perspectives on a topic. While a commentary may be critical of a focal article, it is important to maintain a respectful tone that is critical of ideas and not of authors. Commentaries may be followed by a 1-2-page Author Rebuttal. Commentaries are typically invited by the Editors, but unsolicited commentaries are also welcome via the electronic submission system for the journal. Commentaries will not go through the formal review process, but will be assessed by Editor(s) who will select them for publication.

f) Special Issues - The journal welcomes proposals for special issues on topics that fall within the scope of the journal. Those wishing to guest edit a special issue should prepare a proposal that explains the anticipated contribution of the special issue in advancing our understanding in this area. The proposal should also identify prospective papers and authors and give an indication of the time-scale in which the special issue could be produced. Proposals should be sent to EiC Vincenzo Crunelli [Crunelli@cardiff.ac.uk].

Before You Begin

Ethics in Publishing
For information on Ethics in Publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/ethicalguidelines.

'ARRIVE' guidelines for reporting research

The Journal of Neuroscience Methods endorses the ARRIVE Guidelines http://jp.physoc.org/content/588/14/2519.full.pdf+html and expect authors to refer to them before submission of a manuscript that includes animal experiments.

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://elsevier6.custhelp.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923/.

Submission declaration
Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere including electronically in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the copyright-holder.

Change of Policy: The Editors-in Chief and the Publisher inform our readership that from 1st October 2011 the Journal of Neuroscience Methods will no longer accept manuscripts describing methods and techniques relating *exclusively* to either eye, retina, muscle function, limb kinematics and EMG. We will still consider for publication manuscripts dealing with techniques related to any of the above mentioned subjects when in strong combination with methods related to the peripheral and central nervous system.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:
Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.
After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open Access and Subscription.

For Subscription articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For Open Access articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights

As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:
Subscription articles please see http://www.elsevier.com/authorsrights.
Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated. Please see http://www.elsevier.com/funding.

Ethics in Publishing
For information on Ethics in Publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/ethicalguidelines.

'ARRIVE' guidelines for reporting research

The Journal of Neuroscience Methods endorses the ARRIVE Guidelines http://jp.physoc.org/content/588/14/2519.full.pdf+html and expect authors to refer to them before submission of a manuscript that includes animal experiments.

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://elsevier6.custhelp.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923/.

Submission declaration
Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere including electronically in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the copyright-holder.

Change of Policy: The Editors-in Chief and the Publisher inform our readership that from 1st October 2011 the Journal of Neuroscience Methods will no longer accept manuscripts describing methods and techniques relating *exclusively* to either eye, retina, muscle function, limb kinematics and EMG. We will still consider for publication manuscripts dealing with techniques related to any of the above mentioned subjects when in strong combination with methods related to the peripheral and central nervous system.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:
Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.
After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open Access and Subscription.

For Subscription articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For Open Access articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights

As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:
Subscription articles please see http://www.elsevier.com/authorsrights.
Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated. Please see http://www.elsevier.com/funding.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier, to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

US National Institutes of Health (NIH) voluntary posting (" Public Access") policy.

As a service to our authors, Elsevier will deposit to PubMed Central (PMC) author manuscripts on behalf of Elsevier authors reporting NIH funded research. This service is a continuation of Elsevier's 2005 agreement with the NIH when the NIH introduced their voluntary 'Public Access Policy.'

The service will help authors comply with the National Institutes of Health (NIH) revised "Public Access Policy," effective April 7, 2008. The NIH's revised policy requires that NIH-funded authors submit to PubMed Central (PMC), or have submitted on their behalf, their peer-reviewed author manuscripts, to appear on PMC no later than 12 months after final publication.

Elsevier will send to PMC the final peer-reviewed manuscript, which was accepted for publication and sent to Elsevier's production department, and that reflects any author-agreed changes made in response to peer-review comments. Elsevier will authorize the author manuscript's public access posting 12 months after final publication. Following the deposit by Elsevier, authors will receive further communications from Elsevier and NIH with respect to the submission.

Authors are also welcome to post their accepted author manuscript on their personal or institutional web site. Please note that consistent with Elsevier's author agreement, authors should not post manuscripts directly to PMC or other third party sites. Individual modifications to this general policy may apply to some Elsevier journals and society publishing partners.

As a leading publisher of scientific, technical and medical (STM) journals, Elsevier has led the industry in developing tools, programs and partnerships that provide greater access to, and understanding of, the vast global body of STM information. This service is an example of Elsevier willingness to work cooperatively to meet the needs of all participants in the STM publishing community.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open Access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse
• An Open Access publication fee is payable by authors or their research funder
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our access programs (http://www.elsevier.com/access)
• No Open Access publication fee

All articles published Open Access will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:
Creative Commons Attribution (CC BY): lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.
Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY-NC-SA).
Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

To provide Open Access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published Open Access.
Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The publication fee for this journal is **$1,800**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop http://webshop.elsevier.com/languageediting/ or visit our customer support site http://support.elsevier.com for more information.

Submission
Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts source files to a single PDF file of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF files at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail removing the need for a paper trail.

Submission Website
To submit your paper use the online submission page of this journal at http://ees.elsevier.com/jneumeth/.

Preparation

Language

Authors who require information about language editing and copyediting services pre- and post-submission please visit http://www.elsevier.com/locate/languagepolishing for more information. Please note Elsevier neither endorses nor takes responsibility for any products, goods or services offered by outside vendors through our services or in any advertising. For more information please refer to our terms and Conditions http://www.elsevier.com/termsandconditions

Use of wordprocessing software

It is important that the file be saved in the native format of the wordprocessor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the wordprocessor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your wordprocessor.

LaTeX

If the LaTeX file is suitable, proofs will be produced without rekeying the text. The article should preferably be written using Elsevier's document class 'elsarticle', or alternatively any of the other recognized classes and formats supported in Elsevier's electronic submissions system, for further information see http://www.elsevier.com/author-schemas/supported-latex-classes-and-formats-in-ees.
The Elsevier 'elsarticle' LaTeX style file package (including detailed instructions for LaTeX preparation) can be obtained from the Quickguide: http://www.elsevier.com/author-schemas/preparing-documents-with-latex or from the Comprehensive TeX Archive Network (CTAN): see below, in the directory /tex-archive/macros/latex/contrib/elsarticle. It consists of the files: elsarticle.cls, complete user documentation for the class file, bibliographic style files in various styles, and template files for a quick start.guidelines for users of elsart, a template file for quick start. For information about reference management please go to the document at http://cdn.elsevier.com/assets/pdf_file/0011/109388/elsdoc.pdf and click on the section 'bibliography'.
CTAN is an archive with up-to-date copies of all the public-domain versions of TeX, LaTeX, Metafont and ancillary programs, which is made available via a mirrored network of FTP servers. You can enter the CTAN archive via a web interface in the UK (http://www.tex.ac.uk), in the USA http://www.ctan.org), or in Germany (http://www.dante.de/software/ctan) (page in German). You can search for a package on CTAN via http://www.ucc.ie/cgi-bin/ctan/. You can also enter the archive via FTP at ftp://ftp.tex.ac.uk, at ftp://ftp.dante.de, at ftp://ctan.tug.org, or at one of the many mirror servers; see for a list the UK or USA CTAN web pages. When a CTAN server does not respond, please try another one.
Note that CTAN is not related to Elsevier, and that Elsevier's Customer support cannot accept complaints or answer questions about the availability of any CTAN server.
Figures may be inserted in the usual way using an \includegraphics command, at the position in the article where they are cited.
Your LaTeX file will be most useful as input for the printed article if you obey the following rules of thumb:
1. Be consistent. If you use a macro for a phrase, use it throughout.
2. Use standard LaTeX mark-up. Do not hardcode your own layout for e.g. section headings, but use the usual LaTeX macro for this purpose.
3. Keep it simple. Do not define macros that accomplish complicated layout. They will also make the input process complicated.

Article Structure
As a rule, **Full Length Reports and Review Articles** should be divided into sections headed by a caption (Abstract, Introduction, Materials and Methods, Results, Discussion, Acknowledgements, References, Tables, Figures and Legends). Acknowledgements for personal and technical assistance should follow the Discussion section. Financial support should be indicated in the Acknowledgements. **Short Communications** Manuscripts of length up to a maximum of 3,000 words (including figure legends but not references), with no more than 1 figure and 1 table or 2 of either, will be considered for publication. Articles must be written in English, contain original experimental results, and should be complete in all respects. The layout and style should adhere strictly to the instructions given below and, in particular, the literature reference style (no more than 15 references).

Subdivision - numbered sections
Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Experimental
Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Theory/calculation
A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and

Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices
If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

The number of text pages of the whole manuscript (including figures and tables) and the number of figures and tables.

• **Title.** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

•**Author names and affiliations.** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name, and, if available, the e-mail address of each author.

•**Corresponding author.** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that telephone and fax numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address.**

•**Present/permanent address.** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a "Present address" (or "Permanent address") may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. An abstract is often presented separate from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References and non-standard or uncommon abbreviations should be avoided. The Abstract should be less than 250 words and should be structured into the following separate paragraphs, each with the following subheadings:
Background
New Method
Results
Comparison with Existing Method(s)
Conclusions

Graphical abstract

A Graphical abstract is optional and should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership online. Authors must provide images that clearly represent the work described in the article. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images also in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Database linking

Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving their readers one-click access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). See http://www.elsevier.com/databaselinking for more information and a full list of supported databases.

Math formulae

Present simple formulae in the line of normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article, using superscript Arabic numbers. Many wordprocessors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Table footnotes

Indicate each footnote in a table with a superscript lowercase letter.

Image manipulation

Whilst it is accepted that authors sometimes need to manipulate images for clarity, manipulation for purposes of deception or fraud will be seen as scientific ethical abuse and will be dealt with accordingly. For graphical images, this journal is applying the following policy: no specific feature within an image may be enhanced, obscured, moved, removed, or introduced. Adjustments of brightness, contrast, or color balance are acceptable if and as long as they do not obscure or eliminate any information present in the original. Nonlinear adjustments (e.g. changes to gamma settings) must be disclosed in the figure legend.

Electronic artwork

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.
• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.
Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.
TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Non-electronis artwork

Non-electronic artwork information is not required for this journal as papers can only be submitted on-line

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article.** Please indicate your preference for color: in print or on the Web only. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.
Please note: Because of technical complications which can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Text graphics

Text graphics may be embedded in the text at the appropriate position. See further under Electronic artwork.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

Tables should if possible be so constructed as to be intelligible without reference to the text, every table and column being provided with a heading, and should be suitable for direct reproduction. Units of measurement must always be clearly indicated. Unless it is essential to the argument, tables should summarize results by an accepted method of expression, e.g. standard deviation (S.D). When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns.

References

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Reference to arXiv

As with unpublished results and personal communications, references to arXiv documents are not recommended in the reference list. Please make every effort to obtain the full reference of the published version of an arXiv document. If a reference to an arXiv document must be included in the references list it should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the volume and page numbers with 'arXiv:YYMM.NNNN' or 'arXiv:arch-ive/YYMMNNN' for articles submitted to arXiv before April 2007.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

This journal has standard templates available in key reference management packages EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/support/rmstyles.asp). Using plug-ins to wordprocessing packages, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style which is described below.

Reference style

Text: All citations in the text should refer to:
1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.
Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first alphabetically, then chronologically.
Examples: 'as demonstrated in wheat (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999). Kramer et al. (2010) have recently shown ....'
List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.
Examples:
Reference to a journal publication:
Van der Geer J, Hanraads JAJ, Lupton RA. The art of writing a scientific article. J Sci Commun 2010;163:51–9.
Reference to a book:
Strunk Jr W, White EB. The elements of style. 4th ed. New York: Longman; 2000.
Reference to a chapter in an edited book:
Mettam GR, Adams LB. How to prepare an electronic version of your article. In: Jones BS, Smith RZ, editors. Introduction to the electronic age. New York: E-Publishing Inc; 2009. p. 281–304.
Note shortened form for last page number. e.g., 51–9, and that for more than 6 authors the first 6 should be listed followed by "et al." For further details you are referred to "Uniform Requirements for Manuscripts submitted to Biomedical Journals" (J Am Med Assoc 1997;277:927–34) (see also http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html).

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to:
List of title word abbreviations: http://www.issn.org/2-22661-LTWA-online.php; NLM Catalog (Journals referenced in the NCBI Databases): http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog/journals;
CAS (Chemical Abstracts Service): via http://www.cas.org/content/references/corejournals.

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 50 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary data

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research.

Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

MATLAB FIG files

MATLAB FIG files (optional): You can enrich your online articles by providing supplementary MATLAB figure files with the .FIG file extension. These files will be visualized using an interactive viewer that allows readers to explore your figures within the article. The FIG files can be uploaded in our online submission system, and will be made available to download from your online article on ScienceDirect. For more information, please see http://www.elsevier.com/matlab.

3D neuroimaging

You can enrich your online articles by providing 3D neuroimaging data in NIfTI format. This will be visualized for readers using the interactive viewer embedded within your article, and will enable them to: browse through available neuroimaging datasets; zoom, rotate and pan the 3D brain reconstruction; cut through the volume; change opacity and color mapping; switch between 3D and 2D projected views; and download the data. The viewer supports both single (.nii) and dual (.hdr and .img) NIfTI file formats. Recommended size of a single uncompressed dataset is 100 MB or less. Multiple datasets can be submitted. Each dataset will have to be zipped and uploaded to the online submission system via the '3D neuroimaging data' submission category. Please provide a short informative description for each dataset by filling in the 'Description' field when uploading a dataset. Note: all datasets will be available for downloading from the online article on ScienceDirect. If you have concerns about your data being downloadable, please provide a video instead. For more information see: http://www.elsevier.com/3DNeuroimaging.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.
Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Phone numbers
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)
• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print
• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

After Acceptance

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*):
http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059
When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Proofs

One set of page proofs (as PDF files) will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post) or, a link will be provided in the e-mail so that authors can download the files themselves. Elsevier now provides authors with PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download Adobe Reader version 7 (or higher) available free from http://get.adobe.com/reader. Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs (also given online). The exact system requirements are given at the Adobe site: http://www.adobe.com/products/reader/tech-specs.html.
If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return them to Elsevier in an e-mail. Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and return by fax, or scan the pages and e-mail, or by post. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately – please let us have all your corrections within 48 hours. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication: please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility. Note that Elsevier may proceed with the publication of your article if no response is received.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a PDF file of the article via e-mail (the PDF file is a watermarked version of the published article and includes a cover sheet with the journal cover image and a disclaimer outlining the terms and conditions of use). For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints/myarticlesservices/booklets).

Disclaimer

Whilst every effort is made by the publishers and editorial board to see that no inaccurate or misleading data, opinion or statement appears in this journal, they wish to make it clear that the data and opinions appearing in the articles and advertisements herein are the sole responsibility of the contributor or advertiser concerned. Accordingly, the publishers, the editorial board and editors and their respective employees, officers and agents accept no responsibility or liability whatsoever for the consequences of any inaccurate or misleading data, opinion or statement.

DISCLAIMER

Whilst every effort is made by the publishers and editorial board to see that no inaccurate or misleading data, opinion or statement appears in this journal, they wish to make it clear that the data and opinions appearing in the articles and advertisements herein are the sole responsibility of the contributor or advertiser concerned. Accordingly, the publishers, the editorial board and editors and their respective employees, officers and agents accept no responsibility or liability whatsoever for the consequences of any inaccurate or misleading data, opinion or statement.

Author Inquiries

For inquiries relating to the submission of articles (including electronic submission) please visit this journal's homepage. For detailed instructions on the preparation of electronic artwork, please visit http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, will be provided by the publisher. You can track accepted articles at http://www.elsevier.com/trackarticle. You can also check our Author FAQs at http://www.elsevier.com/authorFAQ and/or contact Customer Support via http://support.elsevier.com.